

# novas da galiza

número

## Costa da morte, moeda de troca de Fraga

Redacçom

A Costa da Morte tem figurado amiúde como protagonista das crónicas económicas e sociais mais negras do País. Os elevados índices de desemprego e emigração e as catástrofes ambientais teimam em fazer honra ao seu nome. Agora, umha operação impulsorada por Fraga poderá vir a marcar o futuro de um dos mais valiosos tesouros naturais da Galiza. No início do ano 2000, a Bazán, na actualidade Izar, assinou um contrato multimilionário com o governo norueguês para a construção de cinco fragatas. Este contrato, especificava a necessidade de que existissem contrapartidas importadoras e outras "compensações" especiais. Tratava-se de favorecer a

penetração de empresas norueguesas de carácter monopolista na Galiza. Afinal, nom sabemos a magnitude da reconversom

que o PSOE prepara para Izar, mas já conhecemos o enorme impacto ambiental e a escassa repercussom laboral da aterr-

gem de Stolt-Nielsen na costa ocidental galega.

PÁGINA 7



- ▶ Em perigo mais de 1500 empregos de Izar na Galiza
- ▶ Centro social Aeito despejado em Compostela
- ▶ Plataforma cívica em defesa do monte galego
- ▶ Dez pessoas serán julgadas pola luita em defensa da Ria da Arouça
- ▶ Solicitam construir superporto na Ria de Ares
- ▶ Manifestam-se na Ulhoa contra a barragem de Frádegas

Constituiçom  
Europeia e  
Autodeterminaçom  
Braulio Amaro

## Morreu Manuel Maria, o poeta da Terra Chá



Redacçom

No passado dia oito de Setembro faleceu na Corunha Manuel Maria Fernández Teixeira, aos 74 anos. Com 47 poemários converteu-se num referente inescusável para a literatura galega, tendo sido o poeta que inaugurou a escrita em galego após o golpe fascista de 1936. Manuel Maria destacou-se pola plena identificación com o nacionalismo e mesmo por ter defendido a ortografía histórica do galego com a publicação de algum livro nesta norma. Do NOVAS DA GALIZA, que publica un neste número un artigo de Xosé Estévez sobre a sua figura, dizemos-lhe un afectivo "até sempre!".

PÁGINA 13

## Fórum, som mais as vozes que as nozes

Emmet Manuskoske

O Fórum de Barcelona acaba com umha corrida espectacular para, com a fórmula "défice zero" nas bocas de quem o organizou, esconder o enorme desembolso que, desde o início, foi tam criticado pola sociedade barcelonesa como louvado polos media oficiais. Nom parece, no entanto, que venha a ser possível ocultar que o pretense Fórum da "diversidade cultural, do desenvolvimento sustentável e das condicións para a paz" foi financiado por quem também financia guerras e miséria e acabou por assentar os mesmos valores de sempre: fraudes imobiliárias, desenvolvimento insustentável e unificación do pensamento.

PÁGINA 10

**Editora:** Minho Media S.L.

**Director:** Ramom Gonçalves

**Redactor-chefe:** Carlos Barros G.

**Conselho de Redacção:** Marta Salgueiro, Antom Santos, Antón Álvarez, Ivám Garcia, Alonso Vidal

**Colaboradores:** Maurício Castro, Inácio Gomes, Davide Loimil, João Carlos Ánsia, Santiago Alba Rico, Kiko Neves, José R. Pichel, Ramom Pinheiro, Carlos Taibo, Ignacio Ramonet, Ramón Chao

**Fotografia:** Arquivo NGZ

**Humor Gráfico:** Suso Sanmartín, Pepe Carreiro, Pestinho +1, Xosé Lois Hermo

**Publicidade:** 639 146 523

**Correcção lingüística:** Eduardo Sanches

**Imagem Corporativa:** Paulo Rico

**Desenho gráfico e maquetación:** Miguel Garcia e Carlos Barros

#### NOVAS DA GALIZA

Apartado 1069  
27080 Lugo - Galiza  
Tel: 639 146 523  
novasgz@novasgz.com

*As opinions expressas nos artigos non representan necesariamente a posición do periódico. Os artigos som de libre reprodución respetando a ortografía e citando procedencia. É prohibido outro tipo de reprodución sem autorización expresa do grupo editor.*

*A información continua periodicamente no portal [www.galizalivre.org](http://www.galizalivre.org)*

**Fecho de Edición:** 15.09.04

## Constituição Europeia e Autodeterminação

Braulio Amaro Caamaño

Quando falamos da Constituição Europeia, estamos a referir un texto elaborado de costas à imensa maioria dos cidadãos e cidadás (nom súbditos e súbditas) da chamada Europa, un texto que mesmo é totalmente desconhecido para a prática totalidade das pessoas, e que no Estado espanhol, se tivermos sorte e nos mobilizarmos, poderá ser levado a referendo, ainda que o resultado deste nom seja vinculativo; nom esqueçamos o referendo de adesom à NATO de 1986 celebrado sob o governo do PSOE.

Falarmos da Constituição Europeia significa posicionarmo-nos politicamente, evidenciando que é unha constituição antidemocrática, permeada por valores religiosos, neoliberal e imperialista, unha constituição xenófoba e contra os direitos das mulheres, unha constituição que nega os direitos dos povos: a constituição da Europa antisocial, da Europa do capital e da guerra.

Ainda que muito se tenha falado sobre a Constituição Europeia, embora nom difundido e muito menos participado na sua elaboração, un aspecto fulcral do ponto de vista nacionalista é o referido à salvaguarda dos direitos colectivos e nacionais. Estou a fazer referência ao direito de autodeterminação das nações europeias sem estado. A esta questom vou dedicar as seguintes linhas, nomeadamente ao caso da Galiza, embora muitos dos pontos tratados perfeitamente poderiam ser transferidos às outras nações que conformam, à força, o actual Estado Espanhol, e mesmo às outras nações sem estado da chamada "velha Europa".

A autodeterminação é o processo político mediante o qual o conjunto de un povo decide, com plena potestade e sem quaisquer ingerências externas, o seu destino: o seu relacionamento com o resto das nações, o seu modelo político e económico, o papel da sua língua e cultura. A Galiza é un povo, unha comunidade humana dotada de acusados traços que a singularizam, é unha nação, colectivo em permanente construción e desejo constatado de ser e de plasmar a sua existência em instituições próprias. O nosso país nom conseguiu ainda, por múltiplas razoms, chegar a esse mínimo indispensável para toda a nação que é a livre determinação do seu futuro. O mesmo enquadramento institucional que tentou e tenta negar a sua existência -ou, em algum casos, desvirtuá-la até a deformação-, tornando-a un apêndice peculiar de Espanha, tem-se recusado e recusa-se rotundamente ao reconhecimento de un quadro galego de decisom que poda pór em causa unha suposta pátria única,

fundada e sustida por guerras e conquistas e situada acima das pessoas e dos direitos. Por muito que unha insistente campanha mediática nos faça associar a autodeterminação a unha proposta anacrónica e fora de lugar no mundo do século XXI, som os seus fanáticos detractores os que se situam fora da história, os que nom lembram os novos estados nascidos no inicio do século XX, como a Noruega, a Irlanda ou a Finlândia, as descolonizações da segunda metade da centúria, como a argelina, ou o novo mapa das nações surgido no inicio da década de noventa na Europa central e oriental, ou mesmo o caso de Timor Leste, por nom falarmos no Quebec. Quem quer esmagar povos e nações com todas as ferramentas ao seu alcance parece esquecer que estas resistem, e que a sua vitalidade dá lugar a novos estados surgidos da vontade maioritária da sua população. O facto é ainda mais grave: dizem estar com o mundo de hoje -o injusto e inabitável mundo de hoje-, mas desconhecem também aqueles logros que custosamente as pessoas e colectivos oprimidos conseguiram introduzindo na legislação e em diferentes tratados internacionais. O direito de autodeterminação é reconhecido, entre outros textos, nos que se seguem:

- No artigo 1.2. da Carta Fundacional da Organização das Nações Unidas (1945).
- Na Declaração das Nações Unidas sobre a concessom da independência aos países e povos coloniais (Resolução 1514 (XV) da Assembleia Geral, 1960).
- Nos Pactos Internacionais de Direitos Civis e Políticos e de Direitos Económicos, Sociais e Culturais (1966).
- Na resolução 2625 (XXV) da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (1970).
- Na acta final do Tratado de Helsinki (1975).
- Na Carta de Argel (1976).
- No Comentário Geral nº 12 do Comité de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas, em referência ao artigo 1 do Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos (21º sessom, A/39/40, 1984).
- Na Carta Africana dos Direitos Humanos e dos Direitos dos Povos.
- Na Carta da Organização das Nações e os Povos Nom Representados (1991).
- Na Declaração Universal dos Direitos dos Povos (2001).

Som os defensores até a morte do quadro jurídico-político espanhol que están fora da história, e bem longe dos ares de progresso que ainda correm em algumas partes do mundo, graças aos esforços denodados de tantos e tantas por nom



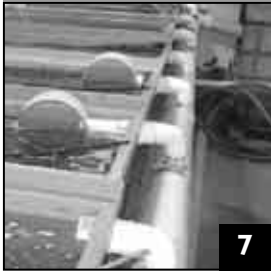
cederem direitos essenciais. Som eles, os mesmos que, dos seus potentes altifalantes, denigram e ameaçam aqueles e aquelas que, sem outra ambição que fazerem valer o que é justo, dizem alto e claro que a autodeterminação é possível e, como todo o direito básico, irrenunciável.

É realmente patético que dirigentes do autonomismo dediquem os seus esforços ginástico-políticos a tentar convencer-nos da bondade da Constituição Europeia proclamando cingicamente: "A Constituição Europeia reconhece o direito de autodeterminação para os estados, o qual, apesar de nom reconhecer a existência das nações sem estado, desfai o tabu a respeito do tema" (Camilo Nogueira, Diálogos na Universidade de Vigo: Perspectivas políticas sobre a Constituição Europeia, 13 de Maio de 2004). Nom sei a quem tenta enganar o candidato do BNG às Eleições Europeias, ou se singelamente tenta rir-se de nós. Ainda bem que, infelizmente para eles, Romano Prodi mete o bedelho no assunto e sentença "que é impossível modificar a actual estrutura territorial dos estados membros". Parece que os processos de autodeterminação na Europa finalizaram quando os interesses imperialistas franco-alemães e ianques fõrom satisfeitos (Jugoslávia, Croácia, Kosovo, Rep. Checa, Eslováquia, ...). Se alguém duvida disto só há de ler o Artigo E-5: "A Constituição europeia garante a unidade territorial dos estados", aliás, define-lhes como funções essenciais "garantir a integridade territorial do Estado, manter a ordem pública e salvaguardar a segurança interior".

Iniciativas como as que estamos a propor as "Bases Democráticas Galegas" ([www.basesdemocraticasgalegas.org](http://www.basesdemocraticasgalegas.org)) som hoje, mais do que nunca, necessárias para defendermos decididamente un direito democrático fundamental, o direito de autodeterminação.

Juntarmos esforços nessa direcção é imprescindível perante o panorama político que estamos a padecer, criando frentes que defendam, entre outros direitos democráticos, o direito de autodeterminação, que acabará por ser fundamental em tempos vindouros nada longínquos, nomeadamente se finalmente vinher a celebrar-se o referendo sobre a Constituição Europeia no próximo mês de Fevereiro.

# sumário



## Costa da Morte, moeda de troca para as transnacionais

A Costa da Morte está-se a converter, após a catástrofe do Prestige, numha nova área das "indústrias de enclave" na Galiza.

7

## Fórum de Barcelona

Dinheiro rápido, especulação e turismo explicam as injeções milionárias no maior negcio do ano



10



## Os incêndios florestais como parte de umha política de gestom dos recursos

Depois da vaga de incêndios que padeceu o nosso país este verao, reproduzimos neste número um interessante trabalho de Adela Figueroa.

12

## Manuel Maria

Como nom podia ser de outro jeito, NOVAS da GALIZA homenageia neste número o poeta e nacionalista chairego recentemente finado



13



## Mais que música, Falcatruada

Falcatruada nom é um selo discográfico, quer ser plataforma de serviços de apoio para músicas ou músicos



15

# editorial

## S.O.S MAR GALIZA

O Prestige, as restrições de Espanha e Europa e a falta de planificación em base à realidade galega están a conseguir que a nossa pesca atravesse um dos seus piores momentos. O decreto 429/2004 do governo espanhol polo qual se estabelecem as medidas de ordenaçom da frota de 'pesca de cerco' condena a desaparecer um importante sector da frota, e portanto, milhares de empregos directos e indirectos, atacando gravemente a estrutura e metodologia de pesca da frota de cerco e empobrecendo e descapitalizando um sector económico básico para dúzias de portos do litoral da Galiza.

Este decreto, que restringe a pesca de cerco às embarcações de menos de 18 metros de comprimento, afecta a estrutura de 85,95% da frota. O modelo de frota que se está a impor é um modelo artificial que nada tem a ver com as necessidades específicas e técnicas para as quais está focada a pesca de cerco na Galiza. Está a ser favorecida umha frota industrial, fazendo desaparecer as unidades de frota artesanal, e isto tem grande incidência no emprego na costa galega. Nom se aposta na segurança dos trabalhadores, tal como afirmava o Conselheiro de Pesca Enrique López Veiga, já que a frota que se retira é moderna, em muitos casos de menos de 10 anos, tecnicamente avançada, social e economicamente rentável. É pois um duro golpe a umha parte importante do sector.

É só um exemplo do que parece ser umha reconversom da actividade. A reconversom da pesca e do marisqueio tradicionais, a deslocalizaçom de conserveiras, a deterioraçom imparável dos

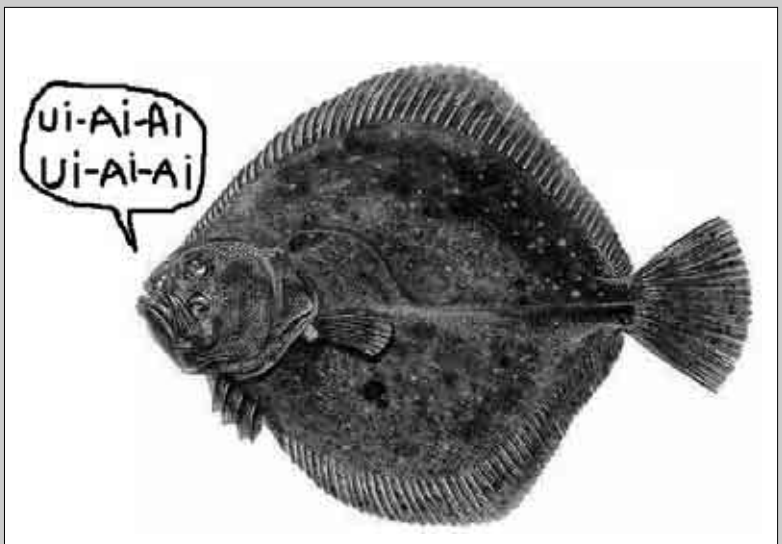
ecossistemas litoral e marinho ou o encerramento dos pesqueiros no alto mar para os barcos galegos.

A isto nom é alheia, polo contrário move-se no mesmo contexto, a crise profunda de reconversom que vive também o sector naval na Galiza. Desde 1997 perdêrom-se 450 trabalhos em Izar Fene. Umha situaçom que se vê agravada entre os operários das empresas auxiliares. Nos últimos anos já fôrom deslocados perto de 2.000 para outras fábricas.

Em contraposiçom à situaçom que están a atravessar a frota galega de cerco, o marisqueio tradicional e o sector de construçom naval, a administraçom aposta na aquicultura. Esta centra agora a actividade científica galega, recebendo os principais recursos de investigaçom do País e centrando os esforços do pessoal mais qualificado. A estratégia adoptada pola Junta só beneficia directamente um reduzido grupo de grandes empresas, que recebem subsídios e privilégios enquanto promovem o desmantelamento da pesca artesanal, exigem a venda de valiosos terrenos a preços de saldo e provocam a destruiçom maciça do património natural, como explicamos na reportagem central deste Novas da Galiza.

A aliança do poder político com o grande empresarioado continua a fazer-se patente, mesmo quando este atenta contra a própria forma de vida do povo e o seu meio. Fraga Iribarne deixa 'atada e bem atada' a sucessom, entregando os principais recursos e o património natural do País em maos amigas com interesses comuns.

## Suso Sanmartim



## notícias

Mobilizações obreiras e cidadás procuram parar os planos da SEPI

# Em perigo mais de mil e quinhentos empregos de Izar na Galiza

### Redacção

Se nom houver umha oposiçom sindical e popular dura que provoque mudanças substantivas nos planos do executivo espanhol, os estaleiros da Ria de Ferrol pagarán a reestruturaçom da companhia Izar a nível estatal. Do esquema de plano industrial elaborado pola Sociedade Estatal de Participaçom Industriais (SEPI) desprende-se que a companhia pretende liquidar 5.034 empregos públicos de um total de 10.565 que tem Izar a nível estatal na actualidade. Os dados indicam aliás que quase 30% (1.503) destes postos de trabalho a extinguir dentro da reestruturaçom global de Izar correspondem ao nosso país.

A situaçom de absoluta incerteza em que ficam os operários de Izar Fene e da fábrica de turbinas de Ferrol com os novos planos do governo do PSOE recorda a gerada durante a reconversom industrial de 1980, também impulsionada polo PSOE. O custo social daquela remodelaçom do sector naval público saldara-se com a perda de 5.313 postos de trabalho em Astano e Bazán e um incremento

brutal dos níveis de desemprego e emigraçom na comarca de Trás-Ancos. É particularmente grave o caso do estaleiro Izar Fene, umha vez que se vê directamente afectado, embora nom tivesse recebido nem umha mínima parte das tais ajudas declaradas ilegais pola Uniom Europeia que nos teriam levado à situaçom actual.

Da SEPI declara-se aliás que nom se descartam reajustamentos de quadros de pessoal nos estaleiros cuja continuidade está garantida, entre os quais som citados o de Ferrol, e que seriam realizados dentro de umha nova companhia pública dedicada fundamentalmente à contruçom militar. Por sua vez, o Ministro do Trabalho espanhol, Jesús Caldera, rematava esta declaraçom afirmando que as fábricas que conservarem o seu carácter público poderiam empreender programas de pré-reforma (a partir dos 52 anos, segundo se tem explicitado) e de baixas incentivadas.

### Mobilizaçom popular

Cinco milhares de pessoas saíram no passado dia 15 de Setembro às ruas de Ferrol para apoiarem as reivindicaçom dos quadros de pes-



soal das duas fábricas de Izar na comarca. A recusa frontal ao encerramento, à privatizaçom e à segregaçom dos estaleiros do grupo em civis e militares centrou as reivindicaçom dos e das manifestantes. Igualmente, os manifestantes também chamáram a atençom para a situaçom dos ope-

rários das companhias auxiliares. A marcha de trabalhadores partiu de Izar Fene e atravessou a Ponte das Pias em direcçom a Ferrol, provocando um importante engarrafamento de trânsito rodoviário. À entrada da cidade incorporáram-se à caminhada os operários de Turbinas, marchando todos juntos

até os Paços do Concelho onde os dirigentes sindicais se dirigiram aos manifestantes. Nom se produziram incidentes recenseáveis. Após esta primeira mobilizaçom, as centrais sindicais organizáram umha grande manifestaçom comarcal para o próximo domingo 26 de Setembro.

## Centro social *Aeito* despejado em Compostela

### Redacção

O velho edificio sindical sediado na rua da República do Salvador foi abandonado polas centrais CCOO, UGT e CNT durante o passado Verao para se deslocarem ao bairro de Sam Lázaro as duas primeiras e ao de Conjo a última delas. O derrube do que tinha sido um prédio do Ministério do Trabalho, cedido aos sindicatos desde a etapa da reforma política, permitirá à Cámara Municipal de Compostela o desenvolvimento, sem maiores contratamentos, do plano urbanístico previsto para umha das zonas mais centrais e caras da cidade: a construçom de um novo prédio de habitaçom de luxo por umha aliança de seis imobiliárias, com a abertura nas novas instalaçom de um centro sócio-cultural municipal para toda a Zona de Expansom compostelana. Porém, um contratempo nom esperado

pelo governo do PSOE-BNG surgiu no tranquilo mês de Agosto: um grupo de entidades juvenis utilizadoras da antiga sede da CNT recusáram-se a abandonar o prédio, argumentando contra a nova construçom, assinalando os especuladores como responsáveis e reclamando centros sociais autogeridos como alternativa aos centros de lazer oficial.

As oposiçom à destruiçom do prédio -de tendências ideológicas diversas, de libertárias a independentistas, passando por pessoas sem mais adscriçom que a própria ocupaçom- fundírom os seus esforços com a constituìçom oficial de umha nova entidade com o nome de *Centro Social Alternativo Aeito* e no desenho de iniciativas sócio-culturais para dinamizar o que se pretendia um pólo de referência na zona nova da cidade. A aberta oposiçom do governo municipal à iniciativa -que se

explicitou nas declaraçom do presidente da Cámara Sánchez Bugallo e do vereador Bernardino Rama- seguiu-se de umha série de medidas contra as e os "ocupas" na última semana de Agosto: ameaças de Andrés Eguibar, representante da imobiliária, derrubamento de parte das divisons interiores por operários da empresa, corte da electricidade. O assédio culminou no 26 de Agosto, com a detençom em plena manhã de cinco membros do CSA no próprio local da rua do Salvador, o qual abortou precipitadamente o programa de conferências planificado para essa jornada. Como denúncia da actuaçom policial -manifestamente irregular, ao nom se ter apresentado ordem de despejo por escrito- fóram celebradas diversas mobilizaçom, que reunírom por volta de médio centenar de pessoas. A conflitividade continuou e fijo-se especialmente intensa na terça-feira 31, quando a

tentativa de reocupaçom do local e a colocaçom de umha faixa que foi pendurada de umha janela, se resolveu com confrontos com os guardas de segurança e com umha carga policial indiscriminada. Cinco pessoas fórom detidas -na sua maior parte, segundo Aeito e o organismo popular anti-repressivo Ceivar, sem vinculaçom com a tentativa de reocupaçom- e passárom trinta e seis horas na esquadra policial, sendo postas depois em liberdade, embora sob acusaçom, e depois de o juiz se ter recusado a aceitar o habeas corpus solicitado. As mobilizaçom do núcleo de activistas do CSA continuam, a mais recente na passada sexta-feira 10 de Setembro. Segundo manifestárom a este jornal, a sua vontade é continuar em pé contra a especulaçom, denunciando o governo municipal e empresas como Urban, Rode S.A., ou Promoçom Oroso, e mesmo se está a discutir a possibi-

lidade de posta em andamento de um outro local para as suas actividades. Em qualquer caso, apesar do acontecido, continuarán a publicar um boletim informativo, que já vai no seu quinto número. Sánchez Bugallo, por seu turno, aplaudiu a intervençom policial e vinculou o protesto com a sabotagem sofrida por um carro da empresa Urban na rua Romeiro Donalho, que resultou totalmente calcinado nos primeiros dias de Setembro. Para o presidente da Cámara, os factos enquadrám-se na campanha de violència de rua que desde há uns quantos anos se mantém em Compostela. Segundo informou o portal galizalivre.org, produziu-se umha segunda sabotagem contra maquinaria da mesma empresa numha outra obra da cidade que foi silenciada pola imprensa oficial, embora NOVAS da GALIZA nom pudesse verificar esta açom.

## Morre Manuel Maria, o poeta da Terra Chá

■ NGZ

Às 23h15 horas da noite do día oito de Setembro falecia na cidade de Corunha o poeta Manuel Maria Fernández Teixeira, aos 74 anos de idade. Primeiro poeta que escreveu em galego após o massacre de 1936, o literato galego foi autor de mais 47 poemários que van da pulsão existencialista da sua juventude (Muinho de Brêtemas, 1950) até a plena identificación afectiva e política com o País e a sua causa de liberdade nacional. Militante da originária Unión do Povo Galego (UPG) durante a noite franquista, Manuel Maria foi também vereador do Bloco Nacional-Popular Galego (BNPG) entre 1979 e 1983, abandonando a política activa em 1985. Homem de principios e trato chao como a terra que o viu nascer em 1929, participou na reorganización do nacionalismo nos anos 60 e 70, foi um referente inexcusável no panorama da literatura galega da segunda metade do século XX. Manuel Maria tinha sido membro numerário da Real Academia Galega, e foi o sócio nº 469 da AGAL. Ingressara na asociación no día 28 de Junho de 1986. Manuel Maria é autor de 47 poemários, dos quais salientamos Muinho de Brêtemas, Terra Chá e Brêtemas do Muinho. O seu poemário A Luz Ressuscitada, da Colección Criação, é unha das primeiras publicações editadas pola AGAL.

## Abrirán novo local social: A Esmorga

■ NGZ

A Asociación Cultural *A Esmorga*, formada pola rede asociativa da cidade de Ourense, abrirá o seu local social no mês de Outubro para a dinamización social e cultural da cidade das Burgas. O local fica situado no Casco Histórico de Ourense, no popular bairro de Sam Francisco. Conta com dous andares e unha cave onde se desenvolverán os actos e actividades que se propoñerem, e aínda com unha biblioteca. No primeiro andar vai ser habilitado un bar para o convívio e encontro entre os diferentes sectores sociais da cidade. Um local que na Esmorga definen como "de liberdade e encontro", que há de servir para fornecer de espaço físico o tecido asociativo ourensano. Trata-se de um local autogerido no qual terán cabimento todas as actividades que os diferentes colectivos ou persoas quixerem organizar nele. Ourense une-se, desta forma, ás diferentes comarcas que ao longo dos últimos meses abriro locais sociais.

# Nasce plataforma cívica em defesa do monte galego

Redacção

O Comité de Defensa do Monte Galego, foi criado em 2002, mas espalhou-se polo resto da Galiza neste Verao. No passado día 1 de Setembro, em Compostela, as organizacións assinantes do manifesto "Defendamos o monte, apaguemos o lume. O mundo rural existe" decidiam alargar o comité, constituindo-se em plataforma.

No começo do mês de Setembro protagonizáron várias acções reivindicativas e de sensibilización, que tinham o intuito, aliás, de pressionar os poderes públicos perante a situação que

atravessa a Galiza por causa dos lumes florestais. O nosso país, segundo dados do comité, apesar de possuir menos de 8% da superficie florestal, sofre 45% dos incêndios do Estado. Este ano padecemos 9000 fogos na nossa terra. Dentro desta campanha de denúncia e pressões às administrações, o Comité de Defensa do Monte Galego, fijo unha plantação de dous carvalhos no concelho de Ames. Foi lá onde também recolheram cinzas num monte próximo que tinha acabado de padecer um incêndio nas últimas semanas. Membros do comité apresentáron-se com as cinzas no Parlamento Galego,

o dia em que o Conselheiro do Ambiente, e Vice-Presidente segundo, Xosé Manuel Barreiro comparecia para dar os dados dos incêndios deste Verao. No transcurso da sessão parlamentar, os defensores do monte mostráron cartazes com o lema "Nom + Incêndios" e colocáron à frente da tribuna de oradores unha urna com as cinzas extraídas no monte ardido de Ames.

O Comité de Defensa do Monte Galego reivindica no seu manifesto fundacional a existência do mundo rural galego. Um manifesto em que se defendem soluções para os incêndios florestais, indicando-se que é possí-

vel "acabar com a desfeita periódica do lume que converte cada Verao os nossos montes num território catastrófico". Um documento em que se exige tolerância zero: "Reclamamos tolerância zero com os incendiários que prendem lume aos nossos montes, valendo-se do desinteresse e a negligência do Governo na hora de preservar o nosso património natural. Reclamamos tolerância zero com os especuladores do lume, que alimentam os incêndios com a estupidez e a cobiça que só a eles e elas corresponde, com a confiança de quem hoje em dia se sabe impune para arrepanhar os beneficios"

## Dez pessoas serão julgadas por terem ocupado Câmara de Vila Garcia em defesa da Ria da Arouça

Redacção

Dez pessoas, todas simpatizantes da Plataforma em Defesa da Ria da Arouça, serão julgadas pelos acontecimentos do dia 14 de Janeiro de 2000, quando a vizinhança ocupou os Paços do Concelho de Vila Garcia. Três anos antes do afundamento do Prestige, unha profunda preocupação social percorreu as terras do Salnés e do Barbança: a instalação no Porto de Vila Garcia da Arouça, no mesmo fundo da ria, de depósitos com capacidade para armazenar 80.000 m3 de hidrocarbonetos. Cumpre salientar que se trata de unha quantidade equivalente à capacidade com que contava o Prestige. Constituiu-se entom a Plataforma em Defesa da Ria da Arouça (PDRA), que convocou mobilizações reclamando a transferência dos depósitos para se evitar qualquer possibilidade de acidente. Como protesto pola concessão da licença de actividade outorgada pola Câmara Municipal de Vila Garcia, a PDRA convocou encerramentos em todos as câmaras



municipais dos concellos que contornam a ria para o dia 14 de Janeiro de 2000, tendo-se desenvolvido todos eles sem incidentes. Só no caso de Vila Garcia as pessoas concentradas fôrom violentamente despejadas por ordem do presidente da Câmara. O governo municipal promoveu também a acusação particular num julgamento penal contra os membros do PDRA, gentes do

mar para os quais se pedem oito meses de prisão por se terem resistido ao despejo. A PDRA iniciou unha campanha de solidariedade com as pessoas à espera de julgamento, consistente num escrito de auto-inculpação e unha moção a apresentar nos diferentes câmaras municipais da comarca. Estám a ser recolhidas também assinaturas de solidariedade.

## Contradições no BNG por causa de Reganosa

■ NGZ

O vereador Xosé Xermán Lastra e a vereadora Marisa Sabio, ambos do BNG na Câmara Municipal de Ferrol, fizérom pública a sua demissão nos últimos dias do passado mês de Agosto, adiantando unha medida que, segundo eles, tinham pensado tomar há certo tempo. Os organismos de direcção da formação nacionalista restárom importância às demissões e argumentárom que se trata tam-só de "questons pessoais" que forçárom a passagem a um segundo plano dos dous militantes. Por seu turno, os protagonistas da medida confessárom a existência de importantes diferenças no seio da frente, especialmente visíveis no âmbito comarcal. Polas suas próprias palavras, a consideração da Central de Gás que REGANOSA está a levantar em Mugaros como "obra chave para o desenvolvimento da Galiza" foi o último motivo acumulado para se demitirem, embora já tivessem reflectido na demissão com anterioridade.

**COPISTERIA T44**  
 Fotocopias • Papelería  
 Encuadernacións • Planos  
 Fax • Cartéis • Tarxetas  
 Tesis • Tesiñas  
 Impresión dixital e laser  
 R/ San Roque 21 B. T-fax: 981 506 886  
 R/ República Argentina 44 B. T-fax: 981 502 606  
 SANTIAGO

**el matadero**  
 local social  
 Archipiélago Marcar 23 Punta Vella

**reviravolta**  
 local social  
 Archipiélago Marcar 23 Punta Vella

**del OTXO BAR**  
 PRINCESA - PONTEVEDRA

# Manifestam-se na Ulhoa contra a barragem de Frádegas

Mais de duas mil pessoas percorrêrom, no passado día 22 de Agosto, as ruas de Palas de Rei "em defesa do rio Ulha". O projecto de Fenosa de construçom de umha minicentral em Frádegas e a sua recente aprovaçom polo Conselho da Junta da Galiza reuniu centenas de vizinhos e vizinhas contrárias à barragem,

que proferirom palavras de ordem como "rios para a vida e nom para o negócio" ou "Fraga, atende, a Ulhoa nom se vende". A manifestaçom, convocada pola Plataforma em Defesa do Alto Ulha, transcorreu sem incidentes e contou com o apoio de diferentes grupos políticos e associaçoms cidadás.



## Redaçom

Os lemas que se podiam ler nas faixas teimavam numha ideia: "O rio é nosso". Mas o eco da resisténcia popular contra as ultrajes ecológicas cometidas contra o País abrohlava no já sabido e de novo repetido "a nossa terra é nossa e nom de Fenosa". Atrás dos cartazes, mais de dous mil vizinhos e vizinhas da Ulhoa -habitada por onze mil habitantes repartidos entre os concelhos de Antas de Ulha, Monte Rosso e Palas de Rei, cerne geográfico da CAG-, organizados na Associaçom de Pescadores, nos proprietários e proprietárias de casas de turismo rural, nas sociedades culturais, nos opositores a outras barra-

gens, nos grupos municipais do BNG e do PSOE. A sociedade civil da Ulhoa desfilou em Palas de Rei na, segundo um veterano militante da ADEGA, "maior manifestaçom contra umha minicentral que eu já lembro no País". O actor Carlos Blanco fechou a marcha com a leitura de um manifestom contra "o projecto para o rio Ulha de Uniom Fenosa e os seus 'sequezaes'". O ambíguo posicionamento do PP comarcal a respeito do projecto de Fenosa impediu comparecer na marcha os presidentes conservadores das câmaras afectadas. O presidente da Câmara de Antas de Ulha, Javier Varela, com umha atitude habitual nele desde que ocupa este cargo, evitou pronunciar-se ao respeito. Da mesma

maneira, Fernando Pensado, presidente da Câmara municipal de Palas de Rei e também militante do Partido Popular, rejeitou assistir à manifestaçom, apesar de ter apoiado a aprovaçom num plenário municipal de umha moçom contra o projecto de Fenosa. Dias mais tarde tinha recuado até as posiçoms do presidente da Deputaçom de Lugo, Francisco Cacharro, e num exercicio de malabarismo político explicou que o se está a construir em Frádegas "nom é umha barragem, mas umha minicentral" e o impacto "é menor". Unicamente o primeiro edil de Monte Rosso, o socialista Antonio Gato, aderiu ao protesto de Palas, mostrando a sua oposiçom inequívoca à construçom da represa.

# Solicitam construir superporto na Ria de Ares

## Redaçom

Umha sociedade de investimento denominada "Superpuerto Ártabros", em que participam companhias navais como Elcano, empresas do sector energético como a argelina "Sonatrach", entidades bancárias como Deutsche Bank e três grandes grupos empresariais, dous deles espanhóis, solicitou ao Ministério Espanhol do Fomento umha autorizaçom para construir um porto destinado ao tráfico de mercadorias por grosso na Ria de Ares. O autor do projecto é o engenheiro e ex-presidente da Câmara Municipal de Ferrol, Manuel Casal. Os promotores do superporto apre-

sentárom o seu projecto a Portos do Estado, organismo dependente do Ministério Espanhol do Fomento. Porém, há escasos dias fontes deste ministério assegurárom que a documentaçom apresentada pola sociedade promotora "é insuficiente". O Governo espanhol assinala, numha resposta ao BNG, que desconhece "tanto a planificaçom, como os objectivos concretos que persegue a sociedade" e, portanto, requer mais informaçom sobre a procedéncia e o destino dos navios que pretende captar, o tráfico de mercadorias e a viabilidade ambiental, "para assim poder avaliar a construçom deste novo porto".

# Independentistas contra a reforma estatutária e a Constituiçom europeia

## Redaçom

Os projectos de reforma de estatuto e o de instauraçom de umha constituìçom europeia já recebêrom a contestaçom de NÓS-UP. A organizaçom independentista declarou que, quanto ao marco autonómico, apostam na superaçom do mesmo mediante a autodeterminaçom, e em relaçom com a Constituiçom europeia fam um chamamento para votar contra, defendendo assim umha outra Europa: a dos "povos, dos trabalhadores e das mulheres". A reforma estatutária prevista enquadra-se dentro da "nova Espanha plural" de Zapatero, quem, segundo NÓS-UP, "tam-só vai aplicar, com outro estilo e outro talento, idênticas 'soluçoms'". A organizaçom independentista critica as forças parlamentares da oposiçom por nom porem em questom "a situaçom de dependéncia da Galiza" e afirma que sem um Estado próprio "nom podemos construir umha naçom ao serviço das classes trabalhadoras e dos sectores populares".

Em referéncia à próxima convocatória do referendo da Constituiçom europeia, NÓS-UP manifesta a sua "rejeiçom frontal ao actual modelo do que eufemisticamente chamam 'construçom europeia'" e solicitam o voto negativo. Quanto à reclamaçom da oficialidade do galego na EU, consideram que é um "despropósito (...) quando já pertencemos a um dos espaçoms lingüísticos que contam com um grau de oficializaçom correspondente ao das línguas estatais", já que, acrescentam, "a nossa língua é já oficial na Uniom Europeia e noutros organismos internacionais sob a denominaçom de 'português'". Em apoio desta tese citam os deputados galegos de Coligaçom Galega e do BNG, que "tenhem já aproveitado essa oficializaçom para fazerem uso do galego no Parlamento europeu". NÓS-UP reclama que a chamada oficializaçom do galego na EU passe polo "reconhecimento da Galiza como território europeu de fala galego-portuguesa, integrante do espaço lingüístico lusófono".

**GARIGOLO**

...Café - Teatro...  
Praça da Alameda de Arriba, 1  
COMPOSTELA

**Nante**

Centro do S. Boal, 4 - COMPOSTELA  
Estrada de Abaixo - PONTE-CESURES  
GALIZA

**16**

**o-dezaseis**

Casa de Xantar

Rua de San Pedro 16 - Santiago

**Embora**

Rua San Xosé do Solteiro 5/2  
17004 Santiago de Compostela  
Teléfono 98 44 18  
E-mail: emboracafe@comcast.com  
GF

Café

**CACHAN**

4 cauzeiros 16

## análise

# Costa da Morte, moeda de troca para as transnacionais

*Em andamento umha nova área das "indústrias de enclave" na Galiza*

*Dous acontecimentos, aparentemente nom relacionados, estám a determinar indirectamente o futuro imediato da Costa da Morte. Em primeiro lugar, a assinatura pola Bazán de um contrato multimilionário com o governo da Noruega para a construçom de cinco fragatas militares. Em segundo lugar, um trágico acontecimento, o*

*afundamento do Prestige. Estas duas circunstâncias assentárom as condiçoms definitivas para a encenaçom de um processo premeditado de industrializaçom desmedida, um processo desequilibrado, sustido agora polas extraordinárias condiçoms financeiras estabelecidas nesta zona após o acidente. Um processo em que o poder*

*político e o poder empresarial caminham de maos dadas, mostrando o rosto real do neoliberalismo selvagem, neste caso personificado em Fraga Iribarne, abrigado em transnacionais como Pescanova ou Stolt e visível no facto de que, mais umha vez, nom som atendidas as necessidades reais do País.*

Pedro Alonso

Lembramos que há pouco mais de quatro anos, na última campanha eleitoral para optar à presidência do governo de Espanha, Aznar proclamou perante um apinhado pavilhom das Travessas de Vigo, que já nom estava na altura de lamentos e vitimismos, numha explicita crítica ao nacionalismo galego. Como prova da consideraçom especial que Espanha tem mostrado com a Galiza, luziu os na altura recentes contratos da Bazán para construir nove fragatas, quatro para o Ministério da Defesa e cinco para o governo da Noruega. Esta última encomenda supujo o maior contrato de exportaçom do Estado espanhol em toda a sua história e o maior desembolso exterior da Noruega. A Bazán tivera de

concorrer com importantes estaleiros de todo o mundo e contou com o "apoio mediador e estrutural" do Governo espanhol, mas, sobretudo, com o de Fraga Iribarne. No contrato assinado especificava-se que deveria haver contrapartidas importadoras e outras "compensaçoms" especiais. É nesse contexto onde podemos entender o crescente peso que tenham na realidade industrial do nosso país empresas norueguesas como Stolt-Nielsen na aquacultura ou Nor-Kvarts nas minas de quartzo. O afundamento do Prestige e o desastre conseguinte foi a desculpa que precisava o PP de Fraga Iribarne para desenhar umha operaçom de "colonizaçom industrial" de umha comarca que, já antes dessa tragédia, apresentava índices de desemprego e emigraçom juvenil dos mais altos do País. Esta industrializaçom consistirá na proliferaçom de mega-indústrias de criaçom de peixe, parques eólicos e zonas industriais, a edificaçom



*Um processo em que o poder político e o poder empresarial caminham de maos dadas, mostrando o rosto real do neoliberalismo selvagem, neste caso personificado em Fraga Iribarne, abrigado em transnacionais como Pescanova ou Stolt*

de um "parador" de turismo, um campo de golfe, várias estradas de alta capacidade, novas instalaçoms portuárias em Cee... Nunca se concebera um "desenvolvimento" tam maciço deste espaço costeiro, entre outras razoms devido à existência de entraves ambientais e limitaçoms orçamentais. Mas já existia um programa de fomento da piscicultura e de instalaçom de parques eólicos neste litoral. E também estava prevista umha via de alta capacidade no Plano de Estradas e um parque empresarial. O Prestige foi exactamente o que se precisava para que todo um magote de vampiros se lançasse em cima da presa, acurralada e imobilizada polo "cartel" de Fraga e o PP. Umha voragem de projectos que darám trabalho enquanto se prolongarem as obras, quatro ou cinco anos, mas que a médio e longo prazo, salvo as pequenas empresas que se puderem instalar, nom repercutirá significativamente no emprego e arrasará a natu-

reza de um espaço que é património de todo o País.

### **Mega-indústrias de criaçom de peixe**

Para explicarmos o "boom" da piscicultura é preciso determo-nos na nossa conduta alimentar. As estatísticas mostram a crescente procura de peixe para o consumo humano. Em todos os mercados se regis-

***O Prestige e o desastre conseguinte foi a desculpa que precisava o PP de Fraga Iribarne para desenhar umha operaçom de "colonizaçom industrial" da Costa da Morte***

ta um notável incremento anual da procura de peixe. Quem estuda estes fenómenos estima que se deve momente ao desprestígio sofrido polas carnes entre os consumidores, depois de se terem visto envolvidas em freqüentes escândalos alimentares: as dioxinas das aves, a encefalopatia espongiiforme bovina (vacas loucas), a carne hormonada..., etc. Como a pesca convencional nom consegue satisfazer esta crescente procura, atualmente o consumo de peixe de "cultura" incrementa-se em 10%, de maneira que se espera que em 2015 atinja já umha quota de mercado de 50% a nível mundial. Como exemplo, basta conhecer o dado de que 95% das robaliças, trutas e douradas que se consomem no Estado espanhol procedem de estabelecimentos de piscicultura. É evidente que o negócio da aquacultura é sumamente rentável.

No nosso país a piscicultura de peixes planos em indústrias de médias a grandes dimensoms

começou a desenvolver-se no início dos anos oitenta, mormente nas Rias Baixas. Foi umha época em que a tecnologia desta indústria começava a progredir e devia enfrentar numerosos condicionantes de natureza bio-ecológica. Apesar destas eivas, o sector arrançou e logrou produçoms elevadas em finais dos anos oitenta, mas em 1992 entrou numha profunda crise que levou várias empresas a se desfazerem das suas instalaçoms. Nessa altura é quando a Stolt Sea Farm começa o seu percurso galego-português. A tendência claramente ascendente da procura deste tipo de peixe fijo com que Stolt decidiu apostar neste tipo de negócios. Os estabelecimentos de Lira e Quilmas iniciam umha série de novos projectos, caracterizados polas suas desconumais dimensoms, que fam com que esta empresa conte já no ano 2000 com cinco estabelecimentos de piscicultura e com um processo expansivo aberto que nom parece, por enquanto, ter limites.

### **Os marcos no caminho**

O apoio decidido da Junta de Fraga ao sector da aquacultura inicia-se com o impulso do "cluster" aquícola, que agrupa nom menos de oito grandes empresas, e com a cessom a este do Centro Tecnológico de Couso, em Ribeira. Esta agrupaçom dos interesses empresariais favorece a reivindicaçom de objectivos comuns e supom o pontapé de saída de umha corrida à procura de novas localizaçoms, com a meta posta em atingir umha produçom de 40.000 toneladas de rodvalho em 2010. Porém, com um litoral já bastante saturado de instalaçoms piscícolas, a expansom desta indústria só se poderia fazer indo contra os interesses ambientais e contra a con-

servaço do património natural galego, especialmente o da Costa da Morte, protegida em grande parte frente a este tipo de infra-estruturas. Um acontecimento terá forçado o governo galego a acelerar este processo, dinamitando a sua fraca política conservacionista. No início do ano 2000, a Bazán, agora chamada Izar, assinava um contrato multimilionário com o governo norueguês para fazer cinco fragatas. Este contrato especificava a necessidade de que existissem contrapartidas importadoras por um montante similar ao do contrato, algo do que já se vai ocupando Izar (tem estabelecido já relações contratuais com umhas 200 empresas norueguesas), mas também se chegava a um "acordo de compensações" em virtude do qual os mediadores da Bazán, ou seja Aznar e, principalmente, Fraga, se comprometiam a favorecer e aplanar o caminho das empresas e inte-

resses noruegueses. Como resultado, no ano 2003, segundo reconhece o próprio governo da Noruega no seu portal na Internet, as exportações deste país ao Estado espanhol cresceram 66%, vendendo-se mercadorias por um valor de 12.500 milhões de coroas norueguesas (mais de 1.500 milhões de euros). E no ano 2000 Stolt Sea Farm começa a tramitação administrativa do que seria a maior indústria de criação de rodvalho do mundo, a do Cabo Vilám, ocupando os terrenos de um espaço natural que mesmo o Estado espanhol franquista declarara "Sitio de Interesse Nacional" junto com a Estaca de Vares e o Cume de Curotinha. Esta instalação irá acompanhada de mais outra em terrenos anexos, onde serão criados linguados.

Atrás da Stolt nom iam ficar outras empresas que, na actualidade, baseiam o seu negócio na pesca



Os novos projectos da Stolt, de desconhidas dimensões, fam com que conte já em 2000 com cinco estabelecimentos de piscicultura e com um processo expansivo aberto que nom parece ter limites

industrial. Assim, Pescanova, ao abrigo do "Plano Galiza" e das suculentas ajudas oficiais criadas após o desastre do Prestige, projecta outro estabelecimento de piscicultura, três vezes maior ainda do que o de Vilám, numha zona próxima de Tourinhám, onde deverá rea-

lizar um espectacular movimento de terras para aplanar os terrenos e para favorecer o processo de canalização de água para os tanques. Para além deste projecto, discutem-se outras localizações em Mugia, em zonas de alto valor natural, e outros concelhos como Camarinhas

e Corcubiom temem-se oferecido a acolher instalações deste tipo. A "evoluçom imparável" de que fala Fraga Iribarne parece ser umha realidade. A sobre-exploraçom dos pesqueiros no alto mar tem muito a ver com o início desta nova industrializaçom. E nesse saco entra tudo, do desmantelamento da frota de pesca artesanal até a venda de terrenos a preços de saldo, passando pola destruiçom maciça do património natural.

Quatro anos e meio depois da assinatura do contrato das fragatas, Izar continua a ter trabalho, mas nom se sabe por quanto tempo e desconhece-se a magnitude da reconversom que prepara o governo espanhol do PSOE e como e quanto vai afectar as fábricas galegas. O apoio triunfalista de Aznar e Fraga à assinatura desse contrato pode, porém, significar a destruiçom de um dos mais valiosos tesouros naturais que temos no País.

## Os mega-estabelecimentos piscícolas: um elevado impacto ambiental e um risco para a saúde pública

O modelo de estabelecimentos de piscicultura que impulsa o PP na Costa da Morte é claramente desproporcionado, ficando fora de toda a dúvida a nula capacidade de integraçom deste tipo de mega-instalações no meio natural onde estão a ser situadas. A unidade recentemente inaugurada no Cabo Vilám tem umha ocupaçom total de quase 90.000 m<sup>2</sup>, o equivalente a mais de doze campos de futebol. A que projecta construir Pescanova em Tourinhám terá umha ocupaçom total e suporá a alteraçom completa de mais de 300.000 m<sup>2</sup>, quer dizer, uns 42 campos de futebol. As áreas ocupadas formam parte ou estão próximas do Lugar de Importância Comunitária da Rede Natura 2000 denominado Costa da Morte, espaço natural que está incluído no Registo de Espaços Naturais em regime de proteçom geral. Este registo impede, na teoria, a realizaçom de usos e aproveitamentos que suponham umha alteraçom objectiva do território e dos valores naturais que o integram. Nom parece que cobri-lo de cimento e de estanques poda ser compatível com a proteçom destes valores. Por outro lado, este tipo de instalaçom tem um importante impacto ambiental indirecto. Os filtros e depuradoras empregados para sanear a água marinha antes da sua evacuaçom retemem anualmente toneladas de lodos carregados de substâncias nocivas procedentes dos pensos, fezes, fármacos e outros materiais que se geram nos tanques de produçom. Na actualidade ainda nom se sabe qual o des-

tino mais adequado para estes resíduos, que normalmente vam parar a lixeiras nom especializadas. Recentemente, um estudo contratado polo Ministério da Agricultura, Pesca e Alimentaçom do Estado espanhol a umha empresa ambiental, concluiu que as possibilidades de serem utilizados na agricultura eram restringidos e arriscados. Semanas atrás afundou-se um barco carregado de lodos tóxicos de depuradoras à frente das costas turcas...

A nível sanitário, os peixes criados em mega-instalações piscícolas, em condições de stresse, elevada densidade e, muitas vezes, em condições biológicas inadequadas, costumam desenvolver doenças e infeções que chegam a supor importantes perdas para as empresas. Em concreto, os rodoválhos podem padecer doenças víricas como encefalopatias, retinopatias, vírus do linfocistis, herpesvirus, etc., doenças bacterianas como a vibriose, a pseudomoniasse ou as estreptococias e doenças causadas por ecto e endoparásitos. Os tratamentos para enfrentar estas doenças passam polo subministro no penso ou na água de grandes quantidades de fármacos como tetraciclina, penicilinas, sulfamidas, quinolonas e fluoroquinolonas, piretrinas e piretroides e o tratamento químico com sulfato de cobre e organofosforados. Umha correcta gestom destas epizootias, para além destes tratamentos, deve implicar a retirada e eliminaçom de lotes de animais, a realizaçom de vazios sanitários nos tanques para reduzir as possibilidades de



Os peixes criados em mega-instalações piscícolas costumam desenvolver doenças e infeções que chegam a supor importantes perdas para as empresas

***A sobre-exploraçom dos pesqueiros no alto mar tem muito a ver com o início desta nova industrializaçom. E nesse saco entra tudo, do desmantelamento da frota de pesca artesanal até a venda de terrenos a preços de saldo, passando pola destruiçom maciça do património natural***

retorno epidémico, a reduçom da densidade de populaçom, a limpeza e esterilizaçom de instalações, etc. Estas operações som muito custosas, pois implicam a reduçom dos rendimentos, com o qual, às vezes, opta-se por intensificar os tratamentos farmacológicos. Porém, existe um obstáculo legal na União Europeia a estes tratamentos. A normativa europeia sobre fármacos de uso veterinário especificava que a partir do dia um de Janeiro de 2000 os estados membros deveriam retirar as autorizações de comercializaçom de todos aqueles medicamentos veterinários antigos que contivessem substâncias activas para as quais nom se tivessem determinado os denominados "limites máximos de resíduos". Isto vem provocado porque o proprietário de um animal tratado deve esperar um tempo mínimo antes de ser comer-

cializado como produto alimentar para o consumo humano. Este prazo determina-se em funçom da velocidade de eliminaçom das substâncias activas administradas e prolonga-se até alcançar um nível por baixo do qual se considera que os resíduos presentes nom temem riscos para o consumidor ou consumidor. Esse é o "limite máximo de resíduos". Som as empresas farmacêuticas as que deveriam ter realizado os pertinentes estudos para a determinaçom de LMR's. Como o mercado nalguns casos é reduzido e esses medicamentos nom som rentáveis, estas empresas renunciárom a esses estudos e, portanto, nom existem na actualidade medicamentos específicos para, por exemplo, atender as necessidades sanitárias dos peixes das indústrias de criaçom. Perante esta situaçom, algumas mega-instalações piscícolas, pressionadas polas mais do que possíveis perdas económicas, decidem utilizar medicamentos sem as garantias necessárias. Isto, para além de transferir as responsabilidades penais para o colectivo de veterinários que atende as explorações ao lhes subministrarem medicamentos nom específicos, implica, em suma, o aumento de práticas nom desejáveis ou ilegais no uso de medicamentos veterinários. Isto diminui as possibilidades reais de controlo da saúde pública por parte das autoridades competentes, incrementando os riscos para os consumidores. Tudo isto num contexto de absoluta carência de controlos sanitários oficiais.



# Stolt Sea Farm

## Radiografia de unha poderosa empresa norueguesa acusada de prácticas monopolistas

Stolt Sea Farm é, na actualidade, a empresa mais importante das que integram o "cluster" da aquicultura na Galiza. Mas esta empresa non é máis do que unha pequena parte do extenso grupo de empresas propia da familia norueguesa Stolt-Nielsen. Jacob Stolt-Nielsen fundou no ano 1959 a empresa matriz do grupo, denominada Parcel Tankers Inc., dedicada ao transporte marítimo de mercadorías como combustíveis, con un único barco naquela altura. Quatro anos máis tarde já operava por todo o mundo e contava con un total de 18 navios. Em 1973 cria a Stolt-Nielsen Seaway para transporte e fornecimento a plataformas petrolíferas no Mar do Norte. Em 1977 a compañía atravesa dificultades financeiras, de maneira que a British Petroleum passa a tomar conta de 50% das accións, que nom deixa até 1987, para a empresa cotar no NASDAQ no ano seguinte, atingindo un valor de bolsa de 51 millóns de dólares. Em todo esse tempo vam surgindo pequenas empresas ao redor do grupo matriz que vam cobrindo as necesidades logísticas e comunicativas do negócio original, mas que também vam abrindo progressivamente o leque mercantil. Neste contexto interpreta-se a compra em 1991 da empresa Sea Farm, criada em 1972 para a criação e produción industrial de salmón nos fiordes noruegueses. Esta empresa passa a chamar-se desde entom Stolt Sea Farm. Stolt Sea Farm inicia desde esse

**Stolt enfrentou numerosos procesos judiciais com sanções milionárias. O Departamento de Justiça dos EUA e a Comissom Europeia acusam-na de prácticas monopolistas no transporte em petroleiros**

momento un imparável processo de investimentos e compra de instalaçom, nom só de médias e pequenas empresas norueguesas do sector, mas também de instalaçom noutras partes do mundo. Assim, adquire compañías em França, Espanha, sudeste asiático, Chile, Austrália, Canadá, Escócia, Gales, Hong Kong, etc. Nesse contexto situa-se a compra das primeiras instalaçom piscícolas de rodvalho na Galiza, que nesse momento sofriam un profundo período de crise. No fim de 2003, Stolt Sea Farm contava com 23 instalaçom em todo o mundo, con un total de 2.300 empregados e unha produçom de mais de 60.000 toneladas de salmón e quase 2.500 de rodvalho, entre outras. Isto nom evitou que a compañía tivesse perdas netas de 14,2, 45,4 e 78,4 millóns de dólares nos anos 2001, 2002 e 2003 respectiva-

mente. Paralelamente, no ano 1999 Stolt Comex Seaway, o grupo matriz, atingia uns activos de 2 bilions de dólares e mais de 10.000 empregados em todo o mundo. Apesar disso, a própria empresa reconhece na sua memória anual de 2003 ter gasto 15,5 millóns de dólares para enfrentar vários procesos legais abertos contra ela polo Departamento de Justiça dos EUA e pola Comissom Europeia, que a acusam de prácticas monopolistas na indústria do transporte em petroleiros. Num primeiro momento, e atendendo ao seu grau de cooperaçom, os directivos e empregados da transnacional fõrom admitidos com condiçom no Programa de Indulgência Corporativa da Divisom Antimonopólio dos EUA e a Comissom Europeia também os admitiu no seu Programa de Imunidade. Porém, em Março de 2004 a Divisom Antimonopólio anunciou a anulaçom do acordo de amnistia e revogou a aceitaçom no programa de indulgência. A compañía, na sua memória anual de 2003, reconhece que "é possível que podamos sofrer perseguiçom criminal ou padecer sançom graves, ou condenas civis, incluindo perdas económicas significativas como resultado destas questom". Também em Fevereiro de 2004 a Korea Fair Trade Commission e a Canadian Competition Bureau notificárom à Stolt-Nielsen Transportation Group a abertura de investigaçom na sua indústria de transporte polas mesmas circunstâncias.

## 'Loitamar', a alternativa ecológica



A cooperativa do Morruço emprega nutrientes provenientes directamente da natureza

**'Loitamar' é unha cooperativa dedicada à engorda de rodvalho, peixe que cria na granja marinha que possui na paróquia moanhesa de Domaio. Embora conte com 45 sócios, som 22 as pessoas a trabalhar no dia-a-dia a fim de consolidar no mercado um produto ecológico e de qualidade.**

I.G.

A ideia de criar 'Loitamar', Sociedade Cooperativa Galega, nasce lá polo mês de Maio de 2001, depois de que a Junta da Galiza e o Governo espanhol tivessem reconhecido que a renovaçom do convénio com Marrocos que permitia aos barcos galegos pescarem em águas do banco canário-sariano ficava oficialmente descartada. Foi entom quando un grupo de pescadores cangueses pensárom em montar unha cooperativa dedicada à engorda de peixe. A partir desse momento inician os contactos necessários para pô-la em andamento. Reúnem-se com o conselheiro de pesca e assistem a diferentes cursos para conhecerem em profundidade o que é unha cooperativa. Os estatutos da mesma fõrom aprovados em assembleia geral a 14 de

Setembro de 2001 e a 8 de Outubro constituiu-se no cartório notarial. "À partida, tínhamos pensado dedicar-nos à cultura de mexilhom e à engorda de polvo, ostras e outras espécies, mas o conselheiro de pesca dixo-nos que existia unha normativa da Junta que proibia ampliar a produçom de mexilhom", explica o presidente de 'Loitamar', Casiano Iglesias Piñeiro. Ao longo do mês de Dezembro de 2001 mantiverom várias reunions com o actual director técnico da cooperativa, que lhes explicou a ideia que ele tinha de criar rodvalho no mar. "Apresentou-nos o projecto e decidimos levá-lo a cabo. Levamos entom tudo à Junta onde mostrárom absoluta disponibilidade", comenta Iglesias Piñeiro. Desta maneira, 'Loitamar' dedica a sua actividade à cultura de rodvalho com a instalaçom no ano 2002 de um estabelecimento piscícola flutuante em águas de Domaio. Está previsto que poda produzir umhas 450 toneladas anuais de um rodvalho de alta qualidade em 2006.

### Respeito polo ambiente

Esta cooperativa converteu o respeito polo meio ambiente num valor acrescido para o produto, ao empregar unha técnica inovadora baseada no emprego de nutrientes provenientes directamente da natureza. Ao ser unha unidade piscícola flutuante, os peixes apresentam unha textura compacta e um conteúdo menor em gorduras, porque a musculatura produz-se no próprio mar. Esta alta qualidade do produto é motivada portanto polo facto de os rodvalhos de 'Loitamar' viverem em estado semi-selvagem. Estám a suportar as alteraçom de salinidade, temperatura, correntes marinhas e todos os condicionantes que o peixe teria no seu habitat de origem. Além disso, as características de qualidade do produto estám avalizadas polo controlo biológico e sanitário de unha direcçom técnica especializada e com unha ampla experiência no cultivo piscícola na Galiza. A primeira imersom de peixe que fizêrom foi em Julho de 2002 e a comercializaçom das primeiras remessas para dar a conhecer o produto no mercado foi em Março. Em Agosto começom a comercializar-se de forma mais séria. Neste sentido, o presidente da cooperativa assegura que todas as pessoas que provam este rodvalho acabam por reconhecer a sua qualidade já que "tem unha textura e um sabor totalmente diferentes aos do rodvalho criado nas unidades piscícolas de terra". Finalmente, convida todas as pessoas "a provarem o nosso produto, porque tenho a certeza de que gostarám".

## Indicadores demográficos e laborais da Costa da Morte

No quadro podemos ver alguns dados indicativos dos concelhos da Costa da Morte, aqueles onde terám maior incidência estes projectos. Como se pode apreciar, o emprego industrial representa só 16,6% do emprego total, enquanto o sector da construçom e o de serviços, conjuntamente, supõem mais de 60% do emprego destes concelhos. Por outro lado, a pesca atinge 10,5% do emprego, sendo um sector que há anos está a mostrar unha tendência à baixa na comarca. Actualmente, duas empresas concentram apro-

ximadamente 13% do emprego industrial na Costa da Morte. Trata-se de Ferroatlántica, com as suas duas centrais de ferroaleaçom em Dumbria e Cee, e Stolt Sea Farm, com as suas quatro macrocentrais de criaçom de rodvalho, entre as quais salienta a recentemente inaugurada central de Vilám, em Camarinhas. Ferroatlántica empregou em 2002 um total de 236 pessoas entre efectivos e eventuais, 33% menos dos 353 trabalhadores que tinha em 1993. A Stolt dá trabalho a umhas 150 pessoas.

	DEMOGRAFIA		DISTRIBUIÇOM DO TRABALHO				
	Habits.	S.V.*	Agr/pec	Pesca	Índúst.	Constr.	Servs.
<b>Camarinhas</b>	6.597	-19	53	549	361	394	703
<b>Carnota</b>	5.421	-67	60	276	430	321	765
<b>Cee</b>	7.308	-25	132	92	473	472	1.407
<b>Corcubiom</b>	1.997	5	5	25	81	88	502
<b>Dumbria</b>	4.307	-44	246	20	291	442	486
<b>Fisterra</b>	5.141	-15	73	579	121	251	697
<b>Maçaricos</b>	5.787	-42	738	12	232	424	641
<b>Mugia</b>	6.029	-51	337	288	262	438	718
<b>Vimianço</b>	8.653	-50	591	29	698	794	1.139
<b>Total</b>	51.240	---	2.235	1.870	2.949	3.624	7.058
<b>%</b>	---	---	12,60	10,54	16,62	20,43	39,79

\*S.V.: saldo populacional (nascimentos menos óbitos)

# Fórum de Barcelona

## são mais as vozes que as nozes

*Dinheiro rápido, especulação e turismo explicam as injeções milionárias no maior negócio do ano*

Barcelona fecha no próximo 26 de Setembro quase cinco meses de diálogos, exposições, encontros e muitos espectáculos. É o Fórum Universal das culturas 2004. Uma convocatória que segundo os seus organizadores mistura lazer com uma ampla oferta cultural e que

reuniu importantes peritos de diferentes áreas do conhecimento para debater sobre os problemas da actualidade. Assim foi definido o Fórum de Barcelona institucionalmente. Porém, outras vozes falam de "um encontro que mentirá ao mundo". De facto, atrás da estudada

campanha de promoção escondem-se, como assinala a plataforma de Resistência, fraudes imobiliárias, desenvolvimento insustentável e unificação do pensamento. Enfim, "capitalismo cultural" mal dissimulado por valor de mais de 2.500 milhões de euros.

**Emmet Manuskoske**

A meta do Fórum pretende a manutenção destes pilares -dinheiro rápido, especulação e turismo-, tão vinculados ao nascente estilo económico da cidade que já tinha inaugurado o anterior presidente da Câmara Municipal Pasqual Maragall. Dele são as seguintes palavras, toda uma declaração de princípios que fazia em 1991 no prólogo de um guia gratuito que difundiu a Câmara: "Esta Barcelona é a que responde a um projecto de renovação e relançamento com muitas ambições", e continuava pedindo o apoio das vizinhas e vizinhos e um esforço de todos os bairros, mas não deixava de ser um novo "marketing municipal" porque nas ideias principais e no desenho, assim como nomeadamente neste Fórum 2004, foram obviadas por completo as pessoas. Barcelona já almejava no início da década de noventa a sede de algum Fórum Social, qualquer coisa que lhe desse prestígio e ao mesmo tempo sustivesse esse status de local cosmopolita e liberal. Se não pudesse ser um Fórum, então uma Exposição Universal. Finalmente nem uma coisa nem a outra, já que a cidade condal não era considerada o cenário ideal para um evento que aspirava a ser independente. Perante esta rejeição, a Câmara Municipal decide inventar um Fórum, não social, mas sim cultural, embora com objectivos e motivos semelhantes a este. Esta criação integra-se na estratégia de exportar a marca "Barcelona" como destino turístico para um leque de pessoas de certo nível económico (médio-alto), além de

atrair congressos e convenções de multinacionais. Dois públicos elitistas que sem lugar a dúvidas gerarão dinheiro fácil, dinheiro rápido. Mas perante um plano tão perfeito a sociedade barcelonesa contestou. Criaram-se diferentes associações de afectados pela "reurbanização" do Besòs, o bairro que acolhe o recinto e as instalações, ([www.poblenou.org](http://www.poblenou.org), [www.forumperjudicats.com](http://www.forumperjudicats.com), [www.milesdeviviendas.net](http://www.milesdeviviendas.net)) e plataformas que relatam como o Fórum Cultural não foi pedido pelos cidadãos, mas imposto pelas instituições públicas catalãs ([www.forumbcn2004.org](http://www.forumbcn2004.org), [www.fotut.org](http://www.fotut.org), [www.plataformabcn.net](http://www.plataformabcn.net)). Assim, é compreensível que em toda a informação dos canais públicos se tivesse eliminado a divergência de opiniões e não haja cabida para as repetidas queixas e numerosos protestos dos vizinhos, dos afectados ou dos grupos de intelectuais. A ocultação destas opiniões dissonantes, assim como essa pressão para a adesão total ao Fórum é uma maneira de manipular o perfil do Fórum, um talante claramente oposto a esse espírito de diálogo repetido constantemente pela organização.

Por último, resta apenas desenhar as linhas do poder económico que estão a mover essa grande operação urbanística de reordenação e requalificação dos terrenos, pois o Fórum não deixa de ser uma "borbulha" publicitária que oculta a mais vasta operação especulativa vivida na capital catalã. O Câmara Municipal de Barcelona era a proprietária da maior parte dos terrenos do Fórum e limítrofes. Estes foram requalificados (dantes eram



Os terrenos foram requalificados e comprados por imobiliárias, construtoras e empresas privadas que, por acaso, são as mesmas que estão envolvidas na construção e patrocínio do Fórum 2004

Xavier M. Miró

para emprego industrial) e comprados por imobiliárias, construtoras e empresas privadas que, por acaso, são as mesmas que estão envolvidas na construção e patrocínio do Fórum 2004. Endesa, por exemplo, que mediante o grupo AUNA, comprou 12.764m<sup>2</sup>, ou La Caixa, que mediante Servihabitat se fez com o controlo de 50.000m<sup>2</sup>. A esta injeção monetária que recebe a Câmara Municipal há que somar os investimentos recebidos do Estado espanhol, a Generalitat, a Deputação de Barcelona e os fundos europeus (1.116 milhões de euros) e ainda 1.074 milhões de euros de investimento por parte de empresas privadas para a construção de prédios ou centros

**O Fórum não deixa de ser uma "borbulha" publicitária que oculta a mais vasta operação especulativa vivida na capital catalã. O Câmara Municipal de Barcelona era a proprietária da maior parte dos terrenos do Fórum e limítrofes**

comerciais. 2.190 milhões apenas para a renovação e as infra-estruturas na área, já que o Fórum -edifícios, exposições e organização- levou um financiamento à parte: 341,8 milhões de euros, que com certeza nas contas finais serão bastante mais, pois o número de visitas ficou bastante abaixo das piores expectativas.

**Guerra e Paz**

Escrevia Graham Greene no "The third man" que "a guerra e a paz desencadeiam uma grande quantidade de negócios sujos". O Fórum, a julgar por como está organizado e revisando a folha de méritos dos seus patrocinadores, aproxima-se com bastante fortuna desta máxi-

**RENOVAÇÃO**  
EMERGENCIA CULTURAL  
DA CULTURA

[embgalega@hotmail.com](mailto:embgalega@hotmail.com)  
[monchodefidalgo@terra.es](mailto:monchodefidalgo@terra.es)

LOCAL SOCIAL  
**REVOLTA**

Rua Real, 32  
Apdo. 287 - 36200 VIGO

**cervexaria**

**MOLCHO**

Castián Eloy, 17 - Tel. 23 93 60 - OURENSE

**ARTABRIA**

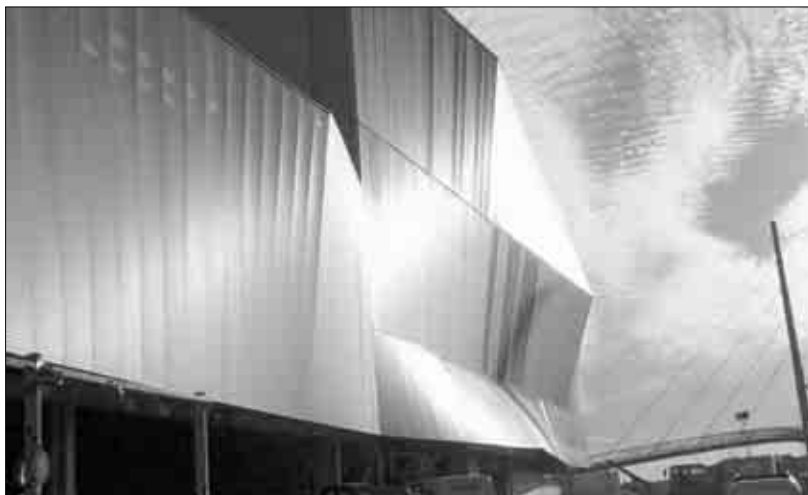
Travessa de Batalhões, 7  
981369099 - 981369921  
15403 FERROL  
[www.artabria.net](http://www.artabria.net)

**TABERNA LA BARRICA**

ESPECIALIDADE EN FINXAS

Rua 9 de Maio, 21  
36100 Pontevedra

ma. Assim, o encontro barcelonês baseado em três eixos temáticos - diversidade cultural, desenvolvimento sustentável e condições para a paz- pretende, entre outros objetivos, promover a educação para a paz, desvendar a situação em que vivem milhões de deslocados e refugiados por causa das guerras e informar sobre o investimento em armamento ou o custo dos exércitos; mas ao mesmo tempo, e para fechar o círculo mantendo todo o mundo contente, quem dá parte do dinheiro para o evento é a economia de guerra. Sócios do Fórum como Telefónica, El Corte Inglés e La Caixa, e patrocinadores como Iberia e Indra são empresas que desenvolvem projectos para a área de defesa e vendem equipas para a indústria militar, beneficiando amiúde das guerras. Telefónica é membro da Associação de Fabricantes de Armamento e Material de Defesa de Espanha, para além do facto de que a multinacional, através de Telefónica Sistemas, participe em programas de guerra electrónica. El Corte Inglés é proprietário de Informática El Corte Inglés S. A. que trabalha em sistemas de informação para a área de defesa; também é membro do Círculo para a Defesa e a Segurança. La Caixa obteve da Administração norte-americana o contrato espanhol mais importante do Iraque ocupado para fundar e controlar -com outras 12 financeiras- o Banco de Comércio do Iraque. Iberia participa em programas da Armada Espanhola e do Exército do Ar. Indra é a terceira empresa da indústria militar espanhola com 381 milhões de euros em venda de produtos militares em 2002, e é também o principal fornecedor não estado-unidense da US Navy (a Marinha dos EEUU). Se a contradição fica bem patente quanto às "condições para a paz", uma situação semelhante ocorre com os dois eixos restantes sobre os quais se fundamenta o encontro: diversidade cultural e desenvolvimento sustentável. Igual que no caso anterior, as marcas comerciais dos sócios e patrocinadores -Toyota, Endesa, Nestlé, Coca-Cola, Randstad ETT, Gallina Blanca e Cola Cao- são acusadas de práticas depredadoras no comércio, de tornar insustentável o meio ambiente, de fomentar a precariedade laboral e de um impor-



o Fórum empachou a vida quotidiana da cidade, já que nem as mudanças eram tão necessárias nem esta "feira do conhecimento" mudou tanto o comportamento dos barcelonenses

Albert Masias

tante impacto social nas suas áreas. Do ponto de vista oficial, estas incoerências são pouco mais do que fricções, inclusive positivas. Por palavras de Oleguer Sarsanedas, porta-voz oficial: "o dinheiro para nos financiarmos é muito importante, e se estas companhias cumprem com as nossas condições -assunção da Carta dos Direitos Humanos e Acta Fundacional da ONU-, o resto é já coisa do consumidor, boicotá-las ou não". Mas na realidade custa a justificar o Fórum. Pois dificilmente pode escapar à triste fama de estar a mascarar uma rentável operação urbanística, de ser apenas o véu que a especulação utiliza na fronteira do barcelonês sector da Mina -bairro marginal limitrofe com o Besós, onde se levantou o recinto principal-, e de tentar lavar a negativa imagem e a má consciência dos políticos que não acabam de resolver os problemas sociais autênticos.

**Contratação de risco**

Como em qualquer evento destas características -e em maior medida neste "entorno multicultural propício para a renovação de atitudes e de ideias" segundo se define nos seus boletins de informação- existem umas margens de contratação para grupos com deficiências físicas ou psíquicas ou colectivos com risco de exclusão social (ciganos, ex-presidiários). O dia-a-dia, pelo contrário, deixa ao descoberto uma realidade bastante triste, pois nem os deficientes são integrados ao

**Sócios do Fórum como Telefónica, El Corte Inglés e La Caixa, e patrocinadores como Iberia e Indra são empresas que desenvolvem projectos para 'Defesa' e vendem equipas para a indústria militar**

mesmo nível que o resto do quadro de pessoal nem todas as empresas admitem estas pessoas. Susana Martínez, empregada numa destas empresas, explica como determinados colectivos são empregados como mão-de-obra "pesada", sempre em tarefas de limpeza mas nunca atendendo os e as clientes. "Os deficientes -esclarece Susana- recolhem o lixo e lavam pratos. É injusto. A companhia primeiro presume de tê-los contratado para depois ficarem com a pior parte das tarefas. Haveria que juntá-los às equipas de cozinha ou de atendimento ao público, essa seria a solução. E não afastá-los da gente." O resto do pessoal laboral integra-se com pessoas vindas de diferentes lugares do Estado e uma alta percentagem de imigrantes. Algumas delas são alojadas em

albergues nas aforas de Barcelona, mas nem todas contam com este privilégio. Por não citar as pressões para venderem mais por parte dos seus chefes, as mudanças constantes nos horários, horas extraordinárias ou as irregularidades no momento de receberem o salário. Este medo fica patente na atitude de alguns empregados que preferem manter-se no anonimato. É o caso de Ana -nome fictício- subcontratada do Fórum, que denuncia como a organização se desentende das empresas de serviços seleccionadas para trabalhar no recinto: "Eu sou cozinheira mas na folha de pagamento a categoria laboral que se me assigna é a de "pessoal de limpeza". E como estamos dois meses à prova, quando o Fórum dura quatro!, há que ter a boca fechada". Em semelhante caso acha-se o pessoal de informação, contratado pela ETT Randstad. Francisco, filho de galegos, é um deles: "Mormente são contratos de meia jornada -sustém- bastante mal pagos. O pior é quando nos situam nalgum dos pontos de orientação, lá passamos cinco ou seis horas sem quase nos poder mover, e agora, ainda bem que puseram guarda-sóis, porque dan-te nem isso. E em pleno Agosto..." Perante estas situações tão irregulares que vêm denunciando os empregados, a UGT negociou a melhoria de vários contratos colectivos de trabalho, mas o Fórum não parece ter-se apercebido, alegando que não são os seus empregados. Fontes do sindicato denunciam


também que, por exemplo, os empregados externos carecem de certos benefícios, como parque de estacionamento gratuito, bónus de refeições, convites e passes gratuitos. "No início -especificam no sindicato- quando fomos convidados (os sindicatos maioritários) a participar do evento pensamos que seria um bom sinal, que haveria uns contratos sérios, controlos e facilidades para os trabalhadores. Uma sorte de oásis laboral!" A realidade, como indicam na UGT, é antes a contrária: "no Fórum existe emprego precário".

**À segunda é de vez**

Em Monterrey (México), sede da segunda edição do Fórum -ano 2007- já se fazem sentir as primeiras vozes que põem em causa o projecto, e isto apesar das mudanças que se anunciaram: entrada gratuita para o recinto e pagamento das exposições. Contudo, políticos e organizadores entendem que essa será a sua oportunidade, pois em Barcelona nada ou quase nada correu segundo o aguardado. Pensava-se numa revolução urbana, dos cidadãos, e cultural. Pelo contrário, na memória de todos -aderentes e opositores- fica a grande rede imobiliária, as dívidas... e pouca coisa a acrescentar. Porque o Fórum empachou a vida quotidiana da cidade, já que nem as mudanças eram tão necessárias nem esta "feira do conhecimento" mudou tanto o comportamento dos barcelonenses. Sim, houve debates, alguns -se calharmos até interessantes, mas não pensados para todos os públicos, mas para especialistas. Isso por não falar nas exposições enquadradas dentro do recinto -bastante fraquinhas, nada novo- que serviram unicamente para dar um verniz de sabedoria à assistência. Resume muito bem esta desilusão comunitária o escritor Narcís Comadira, que escrevia em El País de Catalunya, na segunda quinzena deste mês: "Eu aguardo que a cidade não tenha que voltar a recorrer a acontecimentos especiais para poder ordenar o seu território, para crescer como tem que fazer, para modernizar-se, e para fazer da cultura não apenas uma festa (...) mas a espinha dorsal do convívio quotidiano". Finalmente, foram mais as vozes que as nozes neste espectáculo.

Centro Social  
**Henriqueta Outeiro**  
COMPOSTELA  
Chirreiros Palacios, 42 (rés do chão)  
☎ 981 563 286

**O RINCO DO SEBENCO**  
100% Artificiais  
  
**CORUNHA**  
rúa Rº Lucas Burem Marquina  
(Canteiro edificio de madeira)

**Rúa Nova**  
  
CAFETERIA RESTAURANTE  
Rúa Nova, 28 - Santiago de Compostela  
Télex: 981 264 938  
Tele./Fax: 981 571 575

  
**Santa Sede**  
Bar de Copas  
Salvaterra do Minho

  
Taverna  
**O Noso Lido**  
Salvaterra

# Os incêndios florestais como parte de umha política de gestom dos recursos

Adela Figueroa Panisse

Chamamos recurso a aquilo que podemos utilizar para melhorarmos a nossa qualidade de vida. Como sabemos, os recursos podem ser naturais ou elaborados, e os naturais podem ser renováveis ou non renováveis. Que um recurso seja ou non renovável, depende, a maioria das vezes, da gestom que dele se fíger. Evidentemente, um recurso extractivo como umha rocha ou mineral, será sempre non renovável, mas também a perda de bio-diversidade pode fazer com que um recurso renovável deixe de sê-lo. Ainda, evidentemente, a sobre-exploração pode conduzir também à perda de um recurso de maneira irreversível. Galiza é umha terra especialmente rica em recursos naturais que podem ser considerados como renováveis, associados a ecossistemas de particular produtividade, como os seus rios, os seus montes (bosques ou fragas), as suas rias de excepcional riqueza, etc.

Nos últimos tempos, estamos habituados a ver como a política de gestom dos recursos parece empenhada em destruir os tais recursos naturais, ou em fazer com que perdam a sua característica de recursos renováveis. O caso dos incêndios florestais é um de tantos exemplos desta política de esbanjamento de recursos, e non é o de somenos importância. Para tratar o tema dos incêndios, podemos abordá-lo de vários pontos de vista. Eu proponho os seguintes: As causas dos incêndios, as medidas de prevençom e luta contra o lume, a regeneraçom das zonas queimadas e a gestom integral do monte, a partir de umha abordagem global de gestom dos recursos que leve em conta a sustentabilidade do monte.

**A. As causas dos incêndios** fôrom exaustivamente tratadas em diferentes trabalhos que datam de há mais de vinte anos. Este ano, tendo-se produzido inúmeros incêndios, muitas vozes (sindicatos, Burla Negra, associaçom relacionada com a exploraçom florestal, etc.) alçárom-se para tratar o problema e as suas causas: despovoaçom das zonas rurais, mudançom nos usos dos monte e repovoaçom florestais desafortunadas que están a trans-

formar a nossa paisagem num enorme e continuo eucaliptal (o eucalipto é umha planta "pirofito", quer isto dizer que sobrevive ao lume, enquanto as outras espécies som gravemente danificadas polas altas temperaturas, eliminando assim os seus competidores). Neste sentido, Euronatur adverte que a expansom de espécies forasteiras, particularmente no que diz respeito à Península Ibérica, non só rompeu o equilibrio ecológico, mas incrementou também enormemente os riscos em caso de incêndio.

Em definitivo, trata-se da entrega do nosso patrimonio florestal unicamente a compradores de eucaliptos como é a Empresa Norfolk, que fixa os preços e determina as condiçom de compra e de derrube de árvores.

## B. As medidas de prevençom.

Como diz a sabedoria popular: "Os lumes do Verao apagam-se no Inverno". Quer dizer, umha política florestal que procure a sustentabilidade do recurso, deve manter a atençom sobre o meio durante todo o ano: limpeza, derrubes controlados, lumes preventivos controlados e investigaçom e implementaçom de um dispositivo de prevençom do lume permanente. Um dispositivo deste tipo deveria incluir um mapa de risco o mais definido possível e a implicaçom da sociedade afectada de modo organizado.

Quanto à determinaçom dos riscos de incêndios, há que ter em conta todos os factores de que depende o seu desencadeamento. O risco, em geral, determina-se tendo em conta:

a) A perigosidade, ou seja, a frequência com que este se produz, ou, ainda melhor, a probabilidade de o risco vir a acontecer. Será maior a probabilidade de incêndio num eucaliptal que numha fraga ('bosque misto'), num bosque cheio de resíduos secos (cascas, cortiça, lenha seca, etc.) ou de mato baixo do que noutro limpo de ervas daninhas e de materiais combustíveis. Também será mais provável um incêndio em tempo seco do que em temporada húmida, etc.

b) A exposiçom, que é o número total de pessoas ou bens afectados. Este factor deve ser estudado de um

ponto de vista social e económico. Este factor está muito relacionado com a ordenaçom do território, em funçom das zonas de risco. A exposiçom pode ser reduzida a partir de "estratégias de emergência", que impliquem a Protecçom Civil, e as redes de vigilância.

c) A vulnerabilidade, representa a percentagem de perdas, com relaçom ao total, humanas ou materiais. Por exemplo, no caso que nos ocupa, a existência de caminhos-barreira para conter incêndios, de vias de acesso à área eventualmente afectada, e mesmo a proximidade de depósitos de água estrategicamente localizados, poderám reduzir a vulnerabilidade. Também a separaçom das zonas habitadas das grandes massas florestais é importante neste sentido. Na distribuçom tradicional do território, isto era o normal, pois a casa estava rodeada dos terrenos de horta e de pasto. Agora os cultivos tradicionais da horta vam sendo abandonados e substituídos pola floresta, chegando o bosque em muitos casos ao pé das casas, o que aumenta o risco, porque aumenta a vulnerabilidade.

Estas consideraçom permitiriam elaborar um mapa de riscos de incêndios florestais que facilitasse umha rápida intervençom, caso se vinhesse a produzir o fogo, e também umha paulatina correçom da situaçom, caso a administraçom estivesse realmente interessada na reduçom e mesmo na eliminaçom destes riscos (o que chegamos a pôr em dúvida, a julgar pola falta de efectividade).

Num mapa de riscos non é preciso quantificar, o que seria praticamente impossível, basta com definir zonas de baixo, médio, ou alto risco.

Com relaçom ao risco e à sua definiçom, referirei um estudo feito polo Departamento de Sociologia da USC para a Conselharia do Meio Ambiente segundo o qual o risco de incêndio, no caso dos montes galegos, estaria definido por 5 factores: a pressom demográfica, a cultura florestal, a rendibilidade florestal e a organizaçom e tensom social (Vieiros, Canal Verde). Isto implica que a Conselharia tem non seu poder documentaçom suficiente para minimizar os incêndios florestais, tanto em número como em gravidade.

## Implicaçom social organizada

Umha maneira de actuar neste caso poderia ser aplicando a metodologia CDM (Colaborative Decision Making), como sugere Emilio Mari (em [www.xornal.com](http://www.xornal.com)). Quer dizer, a planificaçom da açom como o resultado de umha tomada de decisom que por



Umha política florestal para a sustentabilidade deve atender o meio durante todo o ano

ficam protegidas por um fruto resistente ao lume, sendo elas mesmas altamente resistentes às altas temperaturas, polo que só elas encontrarám a oportunidade de voltar a engendrar. As pessoas que andam no monte, ou por perto, sabem que as próprias plantas de eucalipto regeneram com relativa facilidade depois de um incêndio, mas non acontece o mesmo com outras espécies. Non me vou estender neste capítulo, pois existem estudos suficientes e linhas de investigaçom abertas nas escolas de engenharia florestal na Galiza acerca do tema.

## D) A sustentabilidade do bosque, e a sua gestom integrada.

Quanto mais rentável é um recurso, mais interesses haverá para conservá-lo. Sabemos que dos montes non se aproveita unicamente a madeira, mas também todo um conjunto de seres vivos que dependem dele, como som os cogumelos. Hoje também há linhas de investigaçom interessantes acerca da produçom de biogas a partir de restos florestais. Voltamos ao mesmo argumento: A tomada de decisom acerca do monte, como o resultado da colaboraçom dos sectores implicados no seu manejo, pode constituir o elemento indispensável e determinante para a sua conservaçom e correcta exploraçom, e consequentemente o único meio eficaz para lutar contra os incêndios.

Neste sentido recolhemos a opinioem de José Pereira, da CIG, publicada em Vieiros, acerca das causas dos lumes: "Nunca entenderemos porque a Junta se nega a constituir esse fórum conjunto que exigimos".

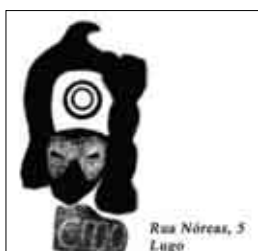
## E) Conclusom.

A gestom dos montes é como a gestom de qualquer recurso: pode ser feita da óptica do "desenvolvimento sustentável" como recomenda a Uniom Europeia, e como aliás é recomendado por todos os fóruns internacionais, tratando as massas florestais como recursos renováveis, e diversificáveis, ou bem sob a filosofia do predador de recursos do sistema capitalista implacável, que apenas procura o enriquecimento rápido sem criar riqueza de futuro. Esta é umha decisom política.

Teremos que ter muito cuidado para ver quem escolhemos como governantes-administradores dos nossos recursos, se pretendemos manter este formoso canto do mundo tam produtivo e viçoso como nos foi entregado polos antepassados que o cultivárom durante milhares de anos, para nós e para os nossos filhos, ou para aqueles que aqui quisessem vir viver.

## C) Regeneraçom das zonas queimadas.

Sabemos que depois do incêndio a recuperaçom depende de vários factores, entre os quais non se pode desprezar o anterior tipo de cultivo. Assim, como já foi dito acima, se o anterior cultivo era de eucaliptos, estes vam regenerar com relativa facilidade, pois, como é sabido, as sementes desta planta



# Manuel Maria

Xosé Estévez

No día 8 de Setembro finava na Coruña o escritor mais prolífico da literatura galega contemporánea, que cultivou todos os géneros e passou por todos os "ismos". Tinha nascido nunha familia camponesa em Outeiro de Rei no día 6 de Outubro de 1929. Morreu para mim o melhor amigo da Galiza, o meu padrinho na baptismal aprendizagem da cultura galega e nas fainas patrióticas. Depois do passamento do meu pai, nunca tinha sofrido o meu coração umha fenda tam espinhenta.

Conheci a Saleta e o Manuel lá polo ano 65, quando frequentava o segundo ano de teologia no Seminário de Lugo. As minhas inquietações já se inclinavam para os ideais nacionalistas e encetava a leitura de versos em galego. Por certo, que a minha rodagem na nossa língua começou com "Muiñeiro de Brétemas", antes de ter tido a imensa sorte de desfrutar da amizade do seu autor.

Cada vez que de Quiroga, a minha vila natal, me deslocava de taxi a Monforte, nom esquecia fazer umha curta visita à livraria. Um bocado de amigável conversa sempre semeava umha ideia nova, o ferro para a leitura de um livro recente ou a lembrança de um feito histórico importante para o entendimento do passado galego. No Verão do ano 1969 um rapaz monfortino, Lis, desejava iniciar a sua vida de casado, celebrando a cerimónia eclesíastica em língua galega. Manuel avisou-me e comparei na histórica cidade do Cabe num domingo de Agosto, após umha longa viagem de motocicleta desde a Fonsagrada. Reparti aos assistentes (entre os quais se encontravam Saleta, Manuel e Lois Diéguez) uns folhetos para responder adequadamente à liturgia em galego. Quando eu e outro padre amigo do Manuel já estávamos ritualmente vestidos para sair para o altar, o pároco apercebeu-se de que a liturgia se ia desenvolver em galego. Irritou-se e proibiu-nolo. Nós recusamo-nos a empregar a língua "cervantina" e o pároco viu-se obrigado a casar os noivos pessoalmente e em castelhano. Nessa conjuntura, de simples escudeiro passei a cavaleiro das lides galeguistas sob a protecção do Senhor de Hortas e Vila Nova. Um periódico galego de Buenos Aires denunciaria a atitude do pároco e o Manuel escreveria um artigo na mesma linha profética na revista "Chan". Desde esse momento compreendi o sentido da

verdadeira amizade e apliquei-lhe o parafraseio das palavras que enfeitam o crismom de Quiroga: "amicitia, sit tibi melior auro". O obséquio da vida sem a lumieira do amor e o caído da amizade seria insuportável.

A nossa amizade nom foi resultado de umha labareda estantia, mas fruto da continua quentura acarinhadora de um forno aceso ou de umha pinga de orvalho que luar após luar estremece a flor. Está inçada de fidelidade e lealdade, semeada ao longo de muitos anos e mantida, apesar da lonjura física, por umha íntima comunidade de parelhos ideais e sentimentos afins.

Após ter-se ido embora para Madrid para estudar Filosofia e Letras e mais tarde para o País Vasco para exercer a profissom de professor amorteceu a nossa relação "visu a visu", mas nom os vínculos de amizade, que refloresciam durante as férias, nem as conversas telefónicas e a correspondência.

A pouco e pouco, as vinculações fôrom crescendo em quantidade, qualidade e sinceridade, fruto, sobretudo, de umha semelhante concepção mental, sentimental e espiritual. Explicitávamos os nossos mais íntimos anseios, aspirações e problemas numha espécie de confessorário aberto por dous lados, sem que jamais advinhesse entre confessor e confessado e, com certeza, sem que ninguém emitisse nunca as palavras finais de absolução, mas apenas as derivadas de ouvir e compreender, virtudes que atingem os amigos, segundo os princípios de Aristóteles na sua "Ética Nicomédia" ou no tratado sobre a amizade de Juan Luis Vives.

Após a obrigada visita aos meus pais, nom faltava ao acto ritual de me deslocar até a livraria Xistral, nas monfortinas galerias Fontecha, para saudar efusivamente, e emoção nom contida, a Saleta e o Manuel, conversar com a paciência dos velhos petrúcios de "omni re scibili" e "observar-mo-nos competentemente". Também aproveitava para inteirarme das novidades editoriais e fazer as correspondentes compras de livros e cerâmica de Sargadelos.

Nos jantares e ceias, com as suas inescusáveis tertúlias posteriores, nas visitas a familiares, amigos e personalidades e nas viagens pola geografia galega, na companhia de Saleta e Manuel, aprendi mais



No día 8 de Setembro nom enterramos o corpo do Manuel, mas semente de fruto longo. No céu da pátria Manuel Maria sempre será umha estrela nova

A. Cabanas

do que nas leituras livrescas, nas monótonas jornadas universitárias e no percurso da minha experiência vital. Nas viagens nom podiam ser esquecidos três ritos obrigados: acender velinhas nas igrejas e santuários, visitar os amigos e depositar ramos de flores nas campas dos poetas e personagens já finados da cultura galega, e de outras, Celso Emilio em Cela Nova; Dias Castro em Guitiriz; Pondal, Murguía, Luís Seoane, Curros e Chané, na Coruña; Risco, em Alhariz; Delgado Gurriarán, em Córrego, Gabriel Arésti, em Derio, Francis James em Hasparren (Iparralde) e Góngora, em Córdoba.

As jornadas do Manuel polo País Basco fôrom numerosas: recitais, conferências, congressos Galeuzca, pregom do Dia da Galiza no País Basco, visitas à campa do seu amigo, Gabriel Arésti, em Derio, e à do seu admirado, Francis James, em Hasparren. Percorreu o ridente País éuscaro de Hasparren até Berguenda e de Leire até Santurtzi, recordando os antepassados paternos da Saleta e dedicando-lhe dous poemas em "O camuño é unha nostalgia".

Manuel dignou-se a prologar o meu livro "Impenitências galeuzcanas" e eu tive a imerecida honra de frontispiciar os adros de dous poemários seus: "Ritual pra unha tribo capital de Concello", dedicado a Outeiro de Rei, e "Sonetos ó Val de Quiroga". Este último, é o mais firme símbolo da nossa amizade. Enxergou-o em

virtude da minha teimosa birra e dedicou-o ao Vale de Quiroga, a tribo dos meus amores e dores, e terra originária da sua avó, Consuelo, que também levava um apelido Neira. Nom seria descartável que corresse sangue parental polas nossas veias.

À Saleta e ao Manuel devo os pedaços de um bom magote de valores que eles possuem e que eu gostava de esforçar-me a imitar: a oferta inquebrável da sua amizade, o impagável obséquio da sua poesia, a druidica fidelidade e o tenso compromisso social, ético e estético com umha língua, emblema substancial da nossa personalidade diferenciada, um latejo raioso contra a sangria emigratória. Um profundo amor polo País, Povo de camponeses, marinheiros e trabalhadores. O carinho polas nossas tradições, gastronomia, romarias, cruzeiros, castros, petos de ánimas, costumes e idiosincrasia, o intenso conhecimento da nossa literatura e da nossa história, a visom humana, transcendente e aquecedora da paisagem, especialmente em dous lugares, paraísos inexpugnáveis da memória: o regato do Cepelo e a carvalheira da Santa Isabel. O apreço polo nosso sem desprezo do alheio, a valorização da variedade como sinal de riqueza, o rancor que lhe produz a empobrecedora uniformidade, a perfeita coerência na trajectória existencial, a lealdade acima de todas as cousas, a capacidade de admirar a formosura ali onde estiver, a sabedoria de beber vinho sem se embedar, o

facto de saber enfeitigar, sem gula, o céu da boca com os manjares terrenos. A magnánima compreensão das falhas humanas, a preferência polo trabalho humilde e quotidiano, umha digna e austera sobriedade, a inquietação polo detalhe de um cravo murcho, de umha fontinha perdida, de um videeiro solitário, de umha lagoazinha esquecida e do curto regato do Cepelo, nado e fiando na mesma tribo. A nostalgia de um moinho esboralhado, a raiva por alguma ermida em desfeita pola incúria vicinal e clerical. A defesa dos velhos comboios abandonados, a saudade dos carros cantores, do voo dos cavalinhos do demo ou do assobio dos pintassilgos, a lembrança dos antepassados sulcadores de colheitas, a fogueira da memória como farol do futuro e sinal de identidade colectiva, o constante apoio às causas patrióticas, as orações polos tolos e bêbados, o condom da palavra demorada e rica, a imensidade de um nítido e aberto olhar como a palma da mão, a clara limpeza nas atitudes, a cenreira contra a raposaria, a carocada e o palafreneirismo, a ajuda aos misérrimos e desprotegidos da sociedade, a desinteressada disponibilidade de serviço, o afastamento da soberba vaidade, um esperançado optimismo, o humor sam e amável, um jovial e atraente vitalismo, um farto anedotário, o lostregamento do paifoco papanatismo cosmopolita, o afastamento de um pragmatismo esterilizador e egoísta, a utopia como provedora da mudança estrutural e pessoal, umha generosidade sem fronteiras, umha cosmovisom integradora e panteísta do mundo, umha religiosidade natural, priscilianista, repleta de filantropia e franciscanismo, um enxebre conceito da família como "célula básica" de enraizamento e hominização, umha fraternal solidariedade com os povos espezninados e umha rixa aposta num porvir soberano para a nossa queda e magoada namom. No día 8 de Setembro nom enterramos o corpo do Manuel, mas semente de fruto longo. No céu da pátria Manuel Maria sempre será umha estrela nova. Na memória da tribo Estévez-Gofi ocupará o lugar mais do lar, a lareira do coração. Na pátria galega já cintilam três faróis acesos: Rosália, Castelao e Manuel Maria.

# portal galego da língua

## Activismo nacionalista de José Bieito Abreira homenageado em Compostela

PGL. Durante a segunda semana de Setembro celebráronse en diversos puntos da Galiza varias actividades culturais para comemorar o centenario do nacemento de José Bieito Abreira, un dos mecenas do galeguismo do exilio buenaiense. As actividades de lembranza iniciáronse con a celebración de unha mesa redonda na Galería Sargadelos de Compostela em que participáron o presidente da AGAL, Bernardo Penabade e o prestigioso endocrinologista Carlos Abreira, fillo do homenageado.

## Jornal ourensano "La Región" publica artigos em reintegrado

PGL. O membro da AGAL, professor na Facultade das Ciencias da Educación e grande especialista na figura de Tagore, José Paz, pasou a fazer parte da equipa de colaboradores do jornal "La Región", no qual escreve desde há umas semanas artigos periódicos de opinião sobre a vida e as problemáticas da cidade. O interessante do facto, da óptica linguística, é que os artigos som redigidos em galego-português, utilizando a norma histórica e etimológica proposta pola AGAL para a nossa língua.

## Por primeira vez aulas de português em Santiago e Lugo

PGL. A Dirección Xeral de Formación Profesional e Ensino Especial da Junta da Galiza acabou de confirmar ás Escolas Oficiais de Línguas (EOI) de Compostela e Lugo que desde este ano ministrarán aulas de portugués. A EOI de Compostela tinha aberto no inicio do ano un prazo de pré-inscrición a efectos de conhecer a procura a respecto do portugués, italiano e espanhol para emigrantes, com o obxecto de alargar a súa oferta actual em mais una língua. Finalmente o ensino do portugués acabou por ser o mais procurado. Com estas dúas estreitas, só restam as cidades de Ferrol e Ponferrada, de entre as urbes galegas, por ofrecer o portugués entre a oferta de línguas.

*Incluem memento de José Augusto Seabra e compilación de poesía italiana*

## Venhem a lume novos números da Agália

Agália. Os números 77/78 da publicación internacional da AGAL, a revista de ciencias sociais e humanidades Agália, correspondentes ao 1º semestre de 2004, já están na rua, com um volume de 282 páxinas, nas quais, para além das habituais seccións (Estudos, Notas, Recensons, Percurso...), podemos encontrar un memento do profesor e investigador literário José Augusto Seabra e uma pequena amostra de poesía italiana.

Também salienta a publicación na íntegra de uma comprida entrevista a José David Santos Araújo, escritor e presidente do Fórum de Amizade Galiza-Portugal e autor do libro "Portugal e Galiza: Encantos e encontros", editado pola da AGAL em parceria com Laidovento.

Ainda, nestes novos números aparecen traballos de novos e novas colaboradoras. Da Itália, Adriano Sartor, Marina Stroili, Ludovica Cantarutti e Gianni Cadorin assinam nas páxinas centrais um especial dedicado à poesía italiana, correspondendo a ilustración da revista ao próprio Gianni Cadorin, com fotografías da sua autoria. Anjo González Vicente assina un estudo acerca dos sistemas eleitorais e da paridade homens-mulheres nos parlamentos. José André Porto fai o próprio a respecto da nova Lei Desafío Venturoso, de António Barbosa Bacelar, e Susana Sánchez Arines assina também um



*Anjo González Vicente assina un estudo acerca dos sistemas eleitorais e da paridade homens-mulheres nos parlamentos. José André Porto fai o próprio a respecto da novela Desafío Venturoso*

estudo sobre Barbosa Bacelar, concretamente sobre a visom masculina da mulher na obra dele.

Também colaboram nesta Agália com novos estudos Crisanto Veiguela Martins, Maria Auxiliadora de J. Ferreira, Paulo Roberto Sodré, Salvador Mourello

e Wilberth Claython F. Salgueiro. Antonio Allegue Leira aproximamos, através de uma crónica pessoal, da Irlanda e J. Chrys Chrystello, Luis Gonçalves Blasco, José-Martinho Montero Santalha e Maurício Castro assinam artigos na sección Notas.

## Falece em Buenos Aires Engenheiro Eduardo Parajuá

PGL

Eduardo Parajuá Rodríguez (Buenos Aires, 1928- 2004) era fillo de galegos com as raízes na montanha luguesa, concretamente nas aldeias de Parajuá (paróquia de Romelhe, no concelho de Samos) e de Farnadeiros e brágam (no Corgo). Em 1922 a sua familia emigrou para a Argentina, assentando as suas raízes na cidade portenha. Discipulo de José Bieito Abreira, destacou como mecenas da cultura galega na capital argentina.

## PSOE de Ferrol propom apoiar galego oriental

PGL. Conforme publica o jornal "La Voz de Galicia", o grupo socialista ferrolano anunciou a apresentação de uma proposta perante a Comissom de Cultura da Cámara Municipal da cidade departamental através da qual propom que Ferrol apoie o galego das comarcas do Eu-Návia, do Berzo e de Entre-As-Portelas, administrativamente fora da actual Comunidade Autónoma da Galiza no Estado Espanhol. "Precisamente porque nós estamos noutra zona estremeira, nom nos podemos esquecer deles", ironizou um membro do PSOE ferrolano.

## Citânia de Sanfins candidata a património da humanidade

Luis Magarinhos. A citânia de Sanfins faz parte de um grupo de sitios arqueológicos do Norte de Portugal e da Galiza que vai apresentar uma candidatura a património da humanidade. O processo será formalizado à Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) em 2010. Localizada em Paços de Ferreira a uns 30Km do Porto, a citânia tem cerca de 15 hectares e é a maior escavação arqueológica da Galiza histórica, conformada hoje pelo Norte de Portugal e a Galiza espanhola. A sua importância é fundamental na identificação e conhecimento da cultura castreja.

## Junta valida Estatutos da AGAL

*Documento apresentado em galego correcto tinha sido rejeitado*

PGL. A Subdirecção Xeral do Xogo, Asociacións e Espectáculos Públicos, dependente da Junta da Galiza, acabou de comunicar à Secretaria da Asociación Galega da Língua (AGAL) o visto de aprovação desse órgano aos estatutos da asociación e, portanto, o cumprimento e adaptación a nova Lei de Asociacións vigente na Comunidade Autónoma da Galiza. Num primeiro momento, através de um escrito datado em 22 de Junho de 2004, a Subdirecção Xeral non validou a documentación presentada pola AGAL (com o obxectivo de adaptar os seus estatutos à nova lei),

fundamentando-se em que a norma empregada nom se ajustava à oficial. Mesmo assim, após as alegações assinadas polo professor Estraviz, o órgano administrativo mudou de postura e foi-lhe outorgada à citada documentación o visto de aprovação provisório, que se tornará definitivo no prazo de 3 meses.

O professor Estraviz alegou que a asociación nom podería agir em sentido contrário ao que som e representam, precisamente, os seus próprios obxectivos (conforme artigo 4º dos velhos estatutos, e 2º dos novos): "A Asociación Galega da Língua tem por obxectivo funda-

mental conseguir uma substancial reintegração idiomática e cultural do galego (nomeadamente nas suas manifestações escritas), na área lingüística e cultural que lle é própria: a galego-luso-africano-brasileira". O famoso lexicógrafo acompanhou o escrito com uma série de sentenças emanadas do Superior Tribunal da Justiça, sediado na Corunha e redigidas em norma AGAL. Numa delas reconhecete-se a coexistência de duas normas: a do Poder Político da Junta e a da AGAL e especificamente claramente as razons da existência de uma e outra norma.

# música

## Mais do que música, Falcatruada

Falcatruada nom é un selo discográfico, quer ser plataforma de servizo de apoio para músicas ou músicos

Hoje nom vos vamos apresentar umha banda ou um festival. Dedicamos a secção musical deste número à apresentação de um projecto que visa fornecer o País de umha parte importante da tam almejada

infra-estrutura fundamental para possibilitar umha adequada canalização do potencial artístico existente. Falcatruada facilita às bandas ou solistas todo esse trabalho comprendido entre a ideia original e a

sua concretização num disco, num concerto, numha encenação de teatro... Um processo bastante mais complexo e com muitos mais obstáculos e requisitos (especialmente económicos) daquilo que pode parecer à primeira vista.

**Oferece-nos a possibilidade de a editar, algo que costuma ser muito complicado sem se terem bons contactos e certa experiência**

autor, desenho, promoçom (é interessante quanto a isto a relativa aos mp3 através da rede), gestom de concertos, distribuiçom e produçom de CDs, som algunhas das possibilidades que oferece. Temos que valorizar ainda, pola enorme importância deste facto, que Falcatruada nom assina contratos de cessom de direitos de autor, conservando os músicos ou músicas todos os direitos sobre a sua própria obra, algo fundamental no processo criativo. Em www.falcatruada.com temos a possibilidade de conhecer este projecto com mais profundidade, comprovando as possibilidades que nos oferece no âmbito da música, do teatro, etc. Desta página web podemos acceder ainda à sua própria rádio, a umha agenda de concertos e actuaçom ou aos servizo gráficos.

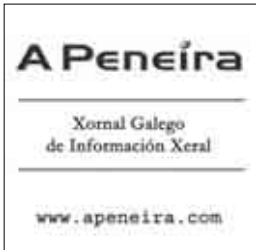


Falcatruada nom assina contratos de cessom de direitos de autor, conservando os músicos ou músicas todos os direitos sobre a sua própria obra, algo fundamental no processo criativo

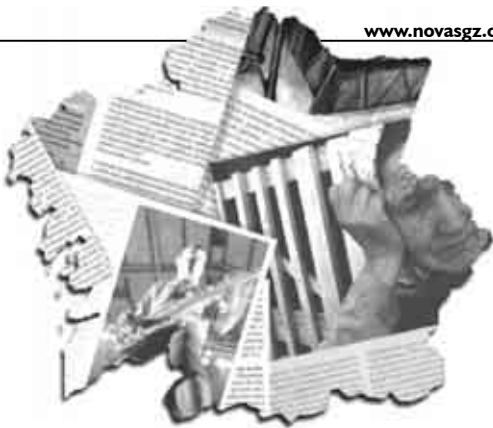
"Falcatruada nom é um selo discográfico, nem umha promotora, nem umha agência de 'management' qualquer, pretendemos, polo contrário, ser umha plataforma de servizo de apoio para músicas ou músicos (amadores ou profesionais) e artistas." Com esta declaração de principios apresenta-se nos esta empresa galega que, tal como podemos observar no seu completíssimo web, pom ao dispor de qualquer artista ou banda umha série de servizo imprescindíveis para a edição de um trabalho musical. Nos dias de hoje, nom é complicado gravar num computador temas musicais de umha qualidade digna para a distribuição. Por outro lado, também existem na Galiza estúdios musicais onde é possível fazer gravaçom, de certa qualidade, por umha quantidade de euros relativamente acessível. Pois acontece que, logo depois de termos completado a gravaçom, Falcatruada oferece-nos a possibilidade de a

editar, algo que costuma ser muito complicado sem se terem bons contactos e certa experiência (de facto, a maioria das bandas com que están a trabalhar carecem precisamente de experiência anterior). Caso a banda ou solista nom tenha nada gravado, também podem recomendar determinados estúdios com que mantem boas relaçom, se eventualmente oferecerem umha melhor relação qualidade / preço. Tramitaçom legais, direitos de

autor, desenho, promoçom (é interessante quanto a isto a relativa aos mp3 através da rede), gestom de concertos, distribuiçom e produçom de CDs, som algunhas das possibilidades que oferece. Temos que valorizar ainda, pola enorme importância deste facto, que Falcatruada nom assina contratos de cessom de direitos de autor, conservando os músicos ou músicas todos os direitos sobre a sua própria obra, algo fundamental no processo criativo. Em www.falcatruada.com temos a possibilidade de conhecer este projecto com mais profundidade, comprovando as possibilidades que nos oferece no âmbito da música, do teatro, etc. Desta página web podemos acceder ainda à sua própria rádio, a umha agenda de concertos e actuaçom ou aos servizo gráficos.



www.novasgz.com | novasgz@novasgz.com | Telefone: 639 146 523



Preenche este impresso com os teus dados pessoais e envia-o a NOVAS DA GALIZA, Apartado 1069 (C.P. 27080) de Lugo

1 Ano = 12 números = 20 euros  Assinante Colaborador = \_\_\_ euros

Nome e Apelidos  Telefone

Endereço  C.P.

Localidade  E-mail

N° Conta

Junto cheque polo importe à ordem de Minho Média S.L.

Assinatura

**a entrevista** | Fermín Paz, secretário nacional da  
Federação de Químicas e Energia da CIG

# "A revolução bolivariana é determinante para quanto acontecer na América Latina"

NGZ

Fermín Paz Lamigueiro é o secretário nacional da Federação de Químicas e Energia da CIG. Em Agosto viajou à Venezuela para participar num encontro sindical do sector, e tivo a oportunidade de comprovar in situ as mudanças que a revolução bolivariana está a implementar no país latino-americano. Por ocasião da visita, também entregou ao presidente Chávez umha carta em nome do secretário nacional da CIG, Suso Seixo.

**Nesta visita à Venezuela tiveste oportunidade de manter encontros com trabalhadores e trabalhadoras. Pensas que o conjunto da classe operária venezuelana é pola Revolução?**

Falar em geral da classe operária em prol ou contra a Revolução seria muito afirmar, mas o que sim vimos é que a nova central sindical -a UMT- que representa neste momento a maioria dos trabalhadores e trabalhadoras da Venezuela, é, inequivocamente, polo processo bolivariano.

**Porque é que a oligarquia venezuelana e o imperialismo temem a Revolução Bolivariana?**

Por um lado, sempre existe umha luta polo poder entre as forças em confronto. No caso da Venezuela, nos últimos anos a social-democracia e a democracia cristá tinham mesmo acordado o repartido do poder político. Pretendêrom, e de facto continuam a pretender, tirar do poder político a pessoa que representa a decisom soberana e livre do povo. Por outra parte, é fundamental que quem ostenta o poder político seja quem decide como se ham de gerir os recursos naturais. Neste sentido, Hugo Chávez tentou devolver o beneficio desta exploraçom ao próprio povo. Mas há outros elementos a considerar que som fundamentais, como é o facto de que a Venezuela é o quarto ou quinto exportador de



petróleo do mundo, e cumpre comparar o que se passa hoje com o que dantes acontecia. As principais companhias eram norte-americanas, as mesmas que fixavam os preços no mercado internacional. No ano 2000, tanto na Venezuela como nos países árabes produz-se umha inversom desta situaçom: a internacionalizaçom das companhias petrolíferas e a potencializaçom da OPEP. Hugo Chávez dinamiza a OPEP, e o aumento espectacular de preços do petróleo deve-se também a esse princípio de coesom e dinamizaçom que impulsionou Chávez. Portanto, toda a oligarquia se vê finalmente marginalizada na utilizaçom destes ingentes recursos. Existia o propósito, estou a falar por exemplo do golpe de estado, de deslocar a OPEP. Por último, há-se de ter em conta que a oligarquia pretende conseguir o controlo político do Estado. Primeiro tentârom-no através das urnas, por métodos democráticos. Nom conseguïrom, e entom continuam a tentá-lo, mas agora sem olharem a meios. Eu convido a reflectir entre a semelhança do golpe de estado de 11 de Abril de 2002 e o golpe de estado que derrocou Allende no Chile. Em ambos os

casos se nos apresenta evidente a mao do Departamento de Estado Norte-americano, da CIA... Som processos quase idênticos.

**Quais as conquistas sociais mais salientáveis da Revolução Bolivariana?**

Está-se a trabalhar imenso nas chamadas "missons", um projecto muito abrangente que desvendou como é possível a alfabetizaçom de muitos cidadaos e cidadás venezuelanas que dantes nom tinham direito à instruçom, como é possível que disponham de morada digna, de manutençom em condiçoms mínimas, de direito à saúde. Tudo isto era dantes impensável para umha parte importante da populaçom. Vê-se agora como as famílias mais carenciadas estão esperançadas com esta forma de fazer política.

**Consideras que o modelo bolivariano se poderia espalhar a outros estados da América Latina?**

Penso que as revoluçoms e os processos políticos nom som exportáveis. Verificam-se em cada país sob condiçoms determinadas e específicas. Mas sim se verifica umha esperança compartilhada. Aliás, está a favorecer umha res-

posta que poderá vir a conter, e de facto já contém, a agressiva política exterior norte-americana. Por exemplo, o Plano Colômbia nom poderá colocar na fronteira venezuelana os militares à espera da guerrilha colombiana. Quanto aos assuntos económicos, também está a realizar cousas muito importantes, como introduzir valores de câmbio na zona.

**Que mensagem transmitiste ao Presidente Hugo Chávez? É concededor da questom nacional galega?**

Entreguei-lhe umha carta do Secretário Geral da CIG, mas foi impossível falar com ele de tanta cousa. No escrito sim se explicava o problema nacional. Também levávamos umha carta do Secretário Geral da Federação Sindical Mundial. As duas fôrom lidas num acto em Caracas organizado pola força bolivariana e a UMT. Nom me atreveria a pronunciar-me sobre que conhecimentos tem sobre a nossa questom nacional, mas, isso sim, nom creio que o desconheça absolutamente, tendo em conta, aliás, que os problemas galego, basco e catalám ultrapassam amiúde as fronteiras do Estado espanhol.

## Nas vésperas

Xan Carlos Ánsia

Lois Pena volta à política em Cangas. Príncipe ressuscita em Vigo. Antolim aparece na Europa. Orozco consolida-se em Lugo. Bugallo triunfa em Compostela. Pepinho Blanco saboreia o êxito em Madrid. Paco Vázquez resiste com a sua maioria na Corunha. Touriño ganha os congressos por aclamaçom. Pachi arrasa no Carvalhinho e Moreda diverte-se na Deputaçom.

Camilo desaparece de Bruxelas. Castrillo esconde-se entre os papéis de um Plano Geral de urbanismo e o acento toledano de Mariño. Bello conformase com um pedacinho de poltrona. Paco Rodríguez refugia-se em Izar. Beiras observa o céu de Briom, à espera daquele incêndio que em seis meses ia queimar o bicho. Quintana fai reverências na Moncloa. Rafael Mouzo já passou à oposiçom e Bautista Álvarez está tramitando a reforma.

Fede a quinto mandato. Oposiçom cinzenta. Sindicalismo com horário de escritório e tardes livres no mês de Agosto. Classe política convertida em aparelho ou vice-versa. Jornais dedicados por completo ao panegírico do poder. Campos de Golfe de Domaio a Róis. Parques Eólicos em todas as direçoms, alturas e superfícies. Casas Rurais para "fodechinhos" e máxima audiência para ver a Ana Kiro.

Na Galiza cheira a derrota, servilismo e ceias de adesom. A polo quinto mandato com a ajuda de um fisioterapeuta, regeneraçom de células e cortes nos investimentos viários.

O licor do Tarasca continua a manter umha aceitável gradaçom de álcool, na de Rampa em Coiro a empada de milho e a caldeirada de sapata nunca tenhem queixa, na Feira da Gouxo o polvo e a carne ao caldeiro sabem a soberania alimentar. E ficam os calhos de Salzedo, o Mencia, o Festival da Poesia no Condado, o dicionário de Estravis e para algumas, também a última de Amenábar. Seria vício pedir-mos mais.